Universidade Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Márcio José Grossi Gaspar

A preposição *com* no texto *Vidas secas*: uma tipologia sintático-semântica

Rio de Janeiro
2011

Márcio José Grossi Gaspar

A preposição *com* no texto *Vidas secas*: uma tipologia sintático-semântica

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos de Azeredo

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

G249 Gaspar, Márcio José Grossi.
A preposição com no texto Vidas secas: uma tipologia sintático-semântica / Márcio José Grossi Gaspar. – 2011.
108 f.

Orientador: José Carlos de Azeredo.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Preposições – Teses. 2. Língua portuguesa – Sintaxe - Teses. 3. Língua portuguesa – Semântica - Teses. 4. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 5. Ramos, Graciliano, 1892-1953. Vidas secas - Teses. I. Azeredo, José Carlos de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-282

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Márcio José Grossi Gaspar

A preposição *com* no texto *Vidas Secas*:
uma tipologia sintático-semântica

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 31 de março de 2011.

Banca examinadora:

_____
Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

_____
Prof. Dr. André Crim Valente
Instituto de Letras da UERJ

_____
Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto
Faculdade de Letras da UFRJ

Rio de Janeiro

2011

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, José Carlos de Azeredo, pela imperiosa orientação, compreensão apoio, sem os quais, com certeza, este modesto trabalho não viria a lume.

À minha esposa, Cida, por suportar as vicissitudes da vida;

Às minhas cunhadas Shirlei e Sheila, pelo apoio incondicional que nos dão.

RESUMO

GASPAR, Márcio José Grossi. *A preposição com no texto Vidas Secas:* uma tipologia sintático-semântica**.** 2011. 108 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

O foco da presente dissertação é o funcionamento sintático e semântico da preposição *com* no texto Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Este estudo propõe-se, assim, a contribuir para a descrição gramatical do português brasileiro em sua feição literária. É apresentada uma tipologia da preposição *com*, levando-se em conta: 1) os casos de gramaticalização que resultam na maior rigidez de seu emprego e consequente esvaziamento semântico; e 2) os casos de relevância semântica nos quais a preposição assume variadas acepções. Procedeu-se preliminarmente ao percurso histórico de algumas preposições portuguesas desde sua origem, latina na maioria das vezes. Estabeleceu-se a tipologia dos contextos léxico-gramaticais em que figura a preposição 'com', tendo em vista que sua significação ora sobressai nesse contexto, ora apenas se harmoniza com ele. Salvo em uns poucos casos de menos clara explicação, é possível perceber, por trás de seus diversos sentidos contextuais, o significado de *com* associado à presença simultânea de duas entidades no espaço.

Palavras-chave: Preposição. Contexto. Concomitância. Gramaticalização.

RESUMEN

Esta disertación es un estúdio del funcionamiento sintáctico y semántico de la preposición *com* en el texto *Vidas Secas*, de Graciliano. Ramos. Este estúdio se propone, así, contribuir a una descripción del portugués brasileño en su variedad literária. Se presenta una tipología de la preposición *com* tenendo en cuenta los casos de gramaticalización que resultan en 1) la mayor rigidez de su empleo y consecuente vaciamiento semántico, y 2) los casos de relieve semántico en los cuales la preposición expresa variadas acepciones. Se há hecho preliminarmente un recorrido histórico de algunas preposiciones portuguesas desde su origen, casi siempre latino. Se há establecido la tipologia de los contextos léxico-gramaticales en los que figura la preposición *com*, tenendo en cuenta que su significación ora sobresale en ese contexto, ora apenas se harmoniza con él. Salvo en unos pocos casos de explicación menos clara, por detrás de los variados efectos de sentido es posible percibir el significado de *com* asociado a la presencia simultánea de dos entidades en el espacio.

Palavras-clave: Preposición. Contexto. Concomitáncia. Gramaticalización.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÂO	7
1	**METODOLOGIA**	11
2	**A ANÁLISE DAS PREPOSIÇÕES**	12
2.1	**A tradição gramatical brasileira segundo quatro autores**.....	12
2.1.1	Manuel Said Ali	12
2.1.2	Mário Pereira de Sousa Lima	19
2.1.3	Sousa da Silveira	20
2.1.4	Rocha Lima	22
2.2	**A contribuição de J. Mattoso Câmara Jr.**	23
2.3	**Uma visão moderna**	24
2.3.1	Bernard Pottier	24
2.3.2	María Luiza López	25
2.4	**Dois gramáticos tradicionais contemporâneos**	27
2.4.1	Evanildo Bechara	27
2.4.2	Celso Cunha (Lindley Cintra)	29
2.5	**Contribuições recentes**	31
2.5.1	Ataliba Teixeira de Castilho	31
2.5.2	Rodolfo Ilari	34
3	**A TIPOLOGIA GRAMATICAL DA PREPOSIÇÃO *COM* NO TEXTO *VIDAS SECAS***	41
3.1	**Casos de esvaziamento semântico de *com***	41
3.2	**Casos de *com* semanticamente relevantes**.....	43
3.3	**Superposição de circunstâncias**.....	51
4	**CONCLUSÃO**.....	53
	REFERÊNCIAS.....	55
	APÊNDICE.....	58

INTRODUÇÃO

Procuraremos, nas próximas páginas, mostrar a importância dos diversos matizes das preposições, mediante descrição de suas relações significativas e sintáticas. É patente que o emprego dessas palavras assume acentuada relevância na produção textual daqueles que desejam se expressar de forma clara e producente, já que raramente ocorre a construção de um período sem preposição. Com efeito, não se consegue um bom conhecimento da língua culta sem que se tenha o domínio dessa classe de palavras.

O termo "preposição" origina-se do latim *prepositione* e tem como significado "posicionamento à frente". No latim culto, a relação entre os elementos de um determinado contexto era marcada, frequentemente, pelas flexões de caso que, em algumas situações eram expressas somente pela diferença na quantidade da vogal final do vocábulo. As preposições também constituíam elementos de relação, entretanto empregadas para promoverem maior clareza ou ênfase, pois os casos morfológicos latinos exprimiam as relações funcionais entre os elementos. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 555).

As perdas das declinações e dos casos latinos acarretaram um maior uso das preposições, funcionando como espécies de compensações do sistema no estabelecimento das relações entre os termos formadores das sentenças e dos sintagmas. Num sentido tradicional, a definição de preposição aponta para o caráter relacional do termo, ou seja, "palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente)". (Idem)

Pode-se considerar que o termo adotado – *preposição* – é adequado às funções que desempenha, uma vez que passou a relacionar diferentes classes de palavras: verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes circunstanciais, posicionando-se como a primeira palavra de um sintagma preposicional.

As preposições apresentam-se na forma simples – expressas por um vocábulo apenas e classificadas pelos gramáticos como preposições essenciais – quanto na forma composta – quando construídas por dois ou mais vocábulos, são chamadas de locuções prepositivas. Além da denominação "essenciais", que representam as preposições propriamente ditas, há também as classificadas como "acidentais", em que palavras de outras classes podem figurar como preposições, em casos como *exceto*, *durante*, *consoante*, *mediante*, *fora*, *segundo*. As preposições

em sua forma simples, especialmente *de* podem, frequentemente, associar-se a advérbios, formando locuções prepositivas: *abaixo de, acima de*, *adiante de*, *além de*, *ante de, depois de*, *atrás de*, *debaixo de*, *dentro de*, *diante de*, *embaixo de*, *junto de*. Outro tipo de estrutura compõe-se de preposição antes e depois de advérbio ou substantivo: *a fim de*, *ao lado de*, *ao redor de*, *a par de*, *a respeito de*, *de acordo com*, *de cima de*, *em cima de*, *em frente a*, *em frente de*, *em lugar de*, *em redor de*, *em torno de*, *para baixo de*, *para cima de*, *para com*, *por baixo de*, *por cima de*, *por causa de*, *por detrás de*, *por trás de*, *por diante de,* etc. As preposições *de, em e para* também podem se combinar com artigos definidos, indefinidos e alguns pronomes, resultando em *do*, *deste*, *desse*, *disto*, *daquele*, *dum*, *no*, *neste*, *desse*, *nisto*, *naquele*, *num*, em formas no feminino e no plural.

As preposições podem introduzir termos que exercem diferentes funções sintáticas e valores semânticos distintos. No entanto, dependendo da preposição e da relação estabelecida entre os constituintes do enunciado, algumas preposições podem servir apenas de elo sintático, sem conteúdo semântico. Nesse sentido, a ideia é a de que a preposição apresente um comportamento semanticamente neutro.

Nos exemplos a seguir, observa-se a diferença entre as relações semânticas estabelecidas pelas preposições *de*, *em* e *com*:

a) *"Pobre* ***do*** *papagaio. Viajar* ***com*** *ela,* ***na*** *gaiola que balançava* ***em cima do*** *baú da folha..."* (IV, 21).

b) *"Não obtendo resultado, fustigou-o* ***com*** *a bainha* ***da*** *faca* ***de*** *ponta."* (I, 5).

c) *"Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória* ***com*** *o filho mais novo escanchado* ***no*** *quarto e o baú* ***de*** *folha* ***na*** *cabeça."* (I, 2).

No primeiro exemplo, a preposição *de*, que se apresenta combinada com o artigo definido *o*, enfatiza a qualidade que o autor pretende apresentar ao papagaio; o emprego da estrutura formada pela preposição provoca um acentuado efeito expressivo à situação. Em seguida, a preposição *com* acrescenta uma circunstância adverbial de companhia; o termo *na* – combinação da preposição *em* com o artigo definido *a* – introduz um aspecto locativo, que também se apresenta no emprego da locução prepositiva *em cima de.*

No segundo enunciado, a preposição *com* introduz uma expressão circunstancial de instrumento ("*com a bainha da faca de ponta*"), em que, no seu interior, apresenta duas

ocorrências da preposição *de*, indicando, respectivamente, uma noção possessiva (= a bainha era da faca) e outra,o feitio do objeto.

No terceiro segmento, a preposição *com* revela um valor semântico de modo; a forma combinada da preposição *em* com o artigo definido *o* (*no*) indica uma noção adverbial de lugar – "*no quarto*" –; a preposição *de* presente na expressão "*baú de folha*" demonstra a ideia de matéria com que alguma coisa é feita; o termo *na*, constituído pela preposição *em* e pelo artigo definido *a*, possui valor locativo: o baú de folha ficava na cabeça.

Semanticamente, a presença de determinada preposição em um contexto enunciativo pode revelar diferentes nuanças. Há situações em que a escolha da preposição é determinante na apresentação de um dado sentido, como por exemplo, na seguinte dupla de sentenças:

a) Dirigiu o veículo *com* documentos.
b) Dirigiu o veículo *sem* documentos.

Nas orações acima, é evidente a função semântica das duas preposições na representação da distinção entre as duas afirmações. As preposições são indispessáveis à compreensão da mensagem, sendo que a substituição de uma pela outra acarreta alteração completa de sentido, daí o caráter de necessidade de se empregar a preposição adequada ao anúncio que se pretende fazer.

Além da necessidade semântica que se pode perceber na escolha de certa preposição, é possível a percepção da intenção de se proporcionar mais ênfase ao enunciado, como em *Concordo plenamente* ***com*** *os termos do contrato*, em que a preposição tem a função de destacar mais enfaticamente o sentido do enunciado, uma vez que a noção específica de unidade, conformidade ou concordância já é inerente ao verbo, haja vista ser impossível concordar contra algo ou alguém. Nesse caso, a presença da preposição ratifica o sentido reportado pelo verbo.

Fora os dois significados destacados anteriormente – o de necessidade e o de ênfase –, a preposição pode representar no contexto uma espécie de redundância de sentido, também com a intenção de provocar maior ênfase ao enunciado. Tomando-se as seguintes sentenças:

a) Os bombeiros procuravam um idoso.
b) Os bombeiros procuravam *por* um idoso.

A presença da preposição – possível, mas não necessária sintaticamente – pode ser retirada do segundo enunciado sem que isso comprometa a compreensão da mensagem. Entretanto, a preposição enfatiza semanticamente a mensagem, indicando movimento em direção a um ponto.

O importante é observar que a escolha da preposição nos diversos enunciados não é arbitrária, sendo que o significado reportado por ela deve se harmonizar com os demais elementos do contexto enunciativo.

1 METODOLOGIA

Utilizaremos como embasamento teórico, entre outros estudos, os ensinamentos de Manuel Said Ali, Sousa da Silveira, Bernard Pottier e María Luisa López, que, por sua vez, se baseia no mestre francês.

Nossa análise fundamenta-se sob o ponto de vista sincrônico da linguagem, porém, esboçaremos a trajetória teórica de algumas preposições porque muitas guardam o seus significados latino. Isso não significa misturar critérios, mas alicerçar a descrição, pois a historicidade é inerente às linguagens.

Trabalharemos com um *corpus* literário: *Vidas secas,* de Graciliano Ramos, a fim de apresentar o comportamento da preposição *com*.

Observaremos, assim, a forma das preposições, de acordo com Mattoso Câmara (1976), sob três critérios: o formal ou mórfico – que se baseia em propriedades gramaticais; o funcional – que é a função desempenhada pelo vocábulo; e o semântico – que é, de maneira geral, a significação do ponto de vista do universo biossocial. Esses critérios constituirão o conjunto para a representação, ilimitada, desses conectivos no discurso.

Sabendo que a carga semântica das preposições é corroborada pelo semantismo dos constituintes que elas relacionam. Descreveremos, portanto, a preposição *com* de acordo com a tipologia gramatical, combinação em que aparece na frase.

2 A ANÁLISE DAS PREPOSIÇÕES

2.1 A tradição gramatical brasileira segundo quatro autores

2.1.1 Manuel Said Ali

Said Ali (1931) faz uma descrição das preposições *de, desde, com, contra, a, em, trás, após, por,* quanto às espécies, formas e significação, retomando seus significados latinos.

> "Cada preposição teve originariamente um sentido delimitado; mas a associação de ideias tornou possível o alargamento do domínio semântico de algumas a ponto de invadirem o domínio das outras e se confundirem por vezes as partículas na aplicação prática". (p. 234)

As preposições latinas foram primitivamente advérbios, por isso há entre esses termos alguns pontos de contato. Ao advérbio cabe a função de modificar verbo, adjetivo ou outro advérbio. As preposições que desempenham função semelhante à dos sufixos dos antigos casos oblíquos são empregadas antepostas a substantivos e pronomes, além de infinitivos como forma nominal, acrescentando-lhes noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc.

A preposição pode ser representada por um vocábulo ou grupo de vocábulos, a que são denominados locuções prepositivas. Parte delas originaram-se do idioma latino; outra, dos advérbios portugueses, aos quais se acrescentou a palavra *de*: *depois de, diante de, defronte de, em cima de*, etc.

Passaram ao português:

1) sem modificação de forma: *ante, contra, de, per*;

2) alteradas: *ad> a; post>pos; cum> com; inter> antre> entre; sine> sem; trans> trás; pro> por; secundum> segundo; in> em>, em; sub> sob, so.* De *tenus: ataa, até, te*, segundo alguns; de acordo com outros, surgiu do árabe *hatta*. De *super* resultou *sobre*, que, no português antigo, ocorria com síncope do *r* quando seguido de artigo *lo*, *la*: *sobelo*, *sobolo* por *sobre lo.*

Cada preposição teve inicialmente um sentido delimitado, mas um alargamento do domínio semântico foi possibilitado pela associação de ideias, invadindo umas o domínio de outras.

Assim, a preposição *de,* em latim, exprimia afastamento no sentido (de cima para baixo), diferenciando-se de *ab*, que significava afastamento no sentido horizontal. Na prática, porém, essas noções se confundiam e essa segunda noção se dissipou. A combinação *de* + *substantivo* substituiu o ablativo e passou a tomar o lugar de outros casos:

● genitivo subjetivo, como em: *amor de mãi* (*amor matris*);

● genitivo objetivo: *amor da pátria* (*amor patriae*);

● genitivo possessivo em *casa do rei* (*domus regis*);

● genitivo especificativo: *vício da embriaguez*, *virtude da abstinência* (*virtus abstinentiae*);

● genitivo de qualidade em *homem de grande talento* (*homo magni ingenii*);

● genitivo partitivo em *muitas das casas*, e os de quantidade, peso, medida e grandeza em *multidão de homens*, *libra de carne*, *valla de quinze pés* (*fossa quindecim pedum*)

● genitivo de idade (*puer decem anmorum*) passou a ser empregado em português nos dizeres como *menino de dez anos*, como também depois de certos verbos, como em *sendo de dez anos*.

O emprego da preposição *de* para indicar causa provém da sua significação mais antiga e principal de "lugar donde", pois a procura do motivo ou causa que determina uma dada ação requer um processo de retorno ao "lugar donde" alguma coisa teve origem e prosseguimento. A preposição *de* pode ser usada antes de substantivos, como em *de medo*, *de nojo*, *de raiva*, *de susto*, etc., como também antes de adjetivos.

Com um verbo na voz passiva, o nome do agente era empregado, tanto no português antigo quanto na linguagem da Renascença, com a preposição *de*, já que este agente representava a procedência do ato dirigido ao sujeito paciente. Pela tradição, usava-se a preposição *de*, sendo que, em poucas vezes, preferiu-se a preposição *por*. Modernamente, entretanto, observa-se o predomínio da preposição *por*.

Alguns verbos transitivos como *encher*, *adornar*, *guarnecer*, *rodear*, *cercar*, *cobrir* apresentam duas possíveis estruturas de construção. Uma das construções possui apenas sujeito e objeto direto, desde que o primeiro termo seja um ser inanimado, como em *flores adornam a sala*. A outra, no caso de o sujeito representar um ser animado, há necessidade de um termo que denote ou dê efeito à ação, ou seja, é preciso recorrer a um elemento que complete o sentido do objeto, como em *as crianças adornam a sala de flores*. Nesse caso, nota-se a intuição de se

demonstrar o lugar ou coisa *donde* se retira o material necessário para a prática da ação, justificando-se, dessa maneira, o uso da preposição *de* para introduzir o segundo complemento. Em situações como essa, a intuição passou a ser confundida com a noção de se expressar o meio ou o instrumento, surgindo, consequentemente, a concorrência da preposição *com*.

> Diz-se *cobrir a mesa de flores*, porém *cobrir a mesa com um pano*, *cobrir o rosto com as mãos,* o que mostra que o emprego de *com* vem a propósito quando uma coisa única ou duas ou mais coisas unidas têm por fim tapar ou encobrir por completo; ao passo que *cobrir de* se diz de coisas esparzidas ou acumuladas sobre outra (p.237).

Depois de certos verbos como *defender* e *guardar*, bem como de adjetivos de significação cognata, emprega-se a preposição *de* para exprimir o desvio da iminência do perigo, visto que ela denota separação e afastamento em geral. Em tais casos, pode-se associar uma ideia de resistência e, portanto, a preposição *de* tem equivalência à preposição *contra*: *defender-se do (contra o) inimigo, do (contra o vento), do (contra o) frio*.

A preposição *de* também possui a função de marcar a época ou o instante a partir de quando algum acontecimento permanece, mas, além disso, serve para assinalar o ponto no espaço onde alguma coisa começa e passa a se estender para outro ponto. Nessa situação, a preposição *de* assume o mesmo sentido de *des*, *desde* com acréscimo da noção temporal: *conheço-o de(desde) longo tempo, de (desde) criança.*

Des, desde – A partir de uma explicação cômoda e simplista, pode-se afirmar que o vocábulo *des* é proveniente da combinação *de ex*. No entanto, diversos estudiosos discordam dessa orientação. Meyer-Lübke apresentou a proposta do étimo *de ipso*, que se torna relativamente duvidosa, em face da impossibilidade de *ex* se haver fixado no latim vulgar e no românico, uma vez que esse termo já estava sendo suplantado por *de*, estando prestes a desaparecer.

Durante o período do português medieval, *des* foi empregado para significar ponto de partida, fazendo referência a lugar e tempo. Na linguagem da Renascença, a forma *desde* consiste na forma do artigo *des*, ao qual se acrescentou a preposição *de*, por analogia a *antes de*, *depois de*, etc. (p 239)

Preposição *com* expressa companhia, instrumento, causa, maneira. Denota companhia quando um ente se associa a outro para pôr em efeito ou sofrer a mesma ação, como em *"(...) sinhá Vitória se escondera na camarinha **com** os filhos*" (VII, 11). Corresponde a instrumento se o ente, da mesma forma ligado a outro e para o mesmo fim, apresenta uma noção de inércia ou pode ser considerado sob esse aspecto: *"[O menino mais velho] Entristeceu. Talvez sinha Vitória dissesse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas **com** bainha de faca. (VI, 30)*

Há preferência pelo termo "meio" em vez de "instrumento", quando o que se coloca em prática algum ato é considerado coisa abstrata, como no segmento *"Que iam ganhar **com** semelhante procedimento?"* (X, 24).

A transposição do conceito de "instrumento" ou "meio" para o de "maneira" ocorre quando se faz referência a partes do corpo ou ações que lhes são próprias: "*Abraçou a cachorrinha **com** uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se"* (VI, 33). Nesse contexto, existe a possibilidade de substituição dessas expressões por verbos acompanhados de advérbios de modo, como em abraçou a cachorrinha violentamente. De igual forma, locuções constituídas por substantivos abstratos, mesmo que possam se transformar em advérbios terminados pelo sufixo *–mente*, podem apresentar um caráter de instrumento ou meio, assim como no trecho "*Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, **com** repetições e incongruências"* (VII, 3), em que o segmento introduzido pela preposição pode ser reescrito por repetida(mente) e incongruentemente. Evidentemente, à noção de instrumento ou meio que se pode depreender desse enunciado (= por meio de frases soltas, espaçadas, repetidas...), junta-se também a ideia de maneira ou modo.

À noção de companhia, é comum associar-se a de conformidade de ação, pois, em geral, um e outro ser são relacionados como participantes da mesma situação, ajudando-se mutuamente ou como acompanhantes de alguma ação, como no exemplo "*Estivera metido no barreiro **com** o irmão, fazendo bichos de barro, lambuzando-se"* (VI, 17). Entretanto, há de se observar que o ajuntamento ou a união entre seres pode representar luta e antagonismo entre eles, como em *pelejar com*, *estar em guerra com*, *combater com*, etc. A linguagem assinala a noção de companhia, pelo emprego da preposição *com*, mas é necessário que se reconheçam outras ideias expressas pela preposição, como as de oposição, contrariedade, ação recíproca, etc.

Também a preposição *com* pode significar ação simultânea ou concomitante à outra, o que se verifica no trecho "*Viera a trovoada. E,* ***com*** *ela, o fazendeiro, que o expulsara"* (II, 14).

O fato simultâneo ou que acompanha alguém pode agir sobre o indivíduo, determinando a sua ação, como em "*Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia* ***com*** *a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos*" (X, 19).

Em outras situações, a simultaneidade ou concomitância entre as ações faz com que um determinado indivíduo passe a exercer ação sobre outra pessoa ou coisa, deixando-a à sua mercê e sob a sua vontade, como se comprova nos exemplos: "*Abraçou a cachorrinha* ***com*** *uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se"* (VI, 33); "*Fabiano zangou-se* ***com*** *a impertinência deles e quis puni-los"* (VII, 24); "*Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano,* ***com*** *os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado"* (VIII, 14).

Inicialmente, a preposição *contra* foi empregada na acepção de "face a face", "frente a frente". A partir da era camoniana, porém, para denotar esse sentido, as preposições *a* e *para* passaram a ser utilizadas, sendo que *contra* assumiu o caráter de inimizade ou atos de ameaça e resistência.

Na época quinhentista, empregava-se *contra* para fazer referência a pontos geográficos aos quais se dirige algum movimento ou para onde algo se estende. Modernamente, em construções desse tipo, a preferência recai sobre a preposição *para*.

Ainda se mantém, em linguagem moderna, o uso da preposição *contra* quando se refere a movimento contrário ou oposto a outro: *remar contra a maré, ir contra a lei*, *bater contra a parede*, etc.

No latim, a partícula *ad* começou a ser empregada para enunciar o conceito de direção ou movimento para algum ponto de aproximação e junção final entre duas coisas. Esse sentido ainda sobrevive na atual preposição *a*, embora com ela concorra a preposição *para* que, frequentemente, a suplanta em situações discursivas.

A preposição *a* exprime o ponto terminal para onde alguma coisa se encaminha e não a direção seguida pelo movimento. Com base nisso, justifica-se o emprego comum em francês de *à* com nomes de cidades, o que, em português, só ocorre em determinadas situações. Emprega-se a preposição *a* combinada ao artigo definido, em português, em construções do tipo: *ir com a trouxa às costas*, *trazer o colar ao pescoço*, *estar alguém à cabeceira*, *à mesa*, nas locuções *à*

direita, *à esquerda*, embora se refira a lugar onde, a preposição *a* denota que este lugar fica na direção de uma ou outra de nossas mãos.

O uso de *a* também aparece nas situações em que certas expressões indicam norma ou maneira segundo a qual alguma coisa deve acontecer, como em *a meu ver*, *vestir-se à inglesa*, *estar à vontade*, *a gosto de alguém*.

Vale ressaltar o emprego da preposição *a* em expressões que indicam meio ou instrumento: *a ferro e a fogo*, *à força*, *a toda pressa*, *matar a tiro*, *viver à custa alheia*, etc. Nesses casos, a relação entre a ideia de instrumento ou meio e a primitiva concepção de direção da preposição *a* não é de fácil compreensão, no entanto apenas essa noção explica o fenômeno, em relação ao fato de que a transposição de sentido teria ocorrido por meio do conceito de aferência. Em outras palavras, fazer alguma coisa à força ou à pressa significaria, a princípio, fazer algo seguindo uma direção, um comportamento baseado na força ou na pressa, o que resultaria na mistura dos sentidos de meio/instrumento e direção.

A preposição *a* também aparece em construções indicadoras de tempo, como *a esta hora*, *ao outro dia*, *às três horas*. (p 243)

A preposição *em* expressa interioridade tanto a lugar quanto a tempo, mas pode denotar também simples superposição (*pôr pé em terra*); estado de alguma coisa (*árvore em flor, ouro em pó*); divisão, distribuição (*obra em dois tomos*).

Aparece no discurso para significar o lugar de ocorrência das situações e, embora com menor frequência, é empregada na indicação de direção, principalmente com verbos como *lançar*, *meter*, *pôr*, *deitar*, *admitir*, *sair*, *saltar*, entre outros. Com verbos como *crer em*, *pensar em*, *meditar em*, *refletir em* e semelhantes, a preposição *em* indica a direção da crença, do pensamento, da meditação.

Há casos em que a preposição *em* aparece em locuções denotando o fim que se tem em vista, o objetivo a que algo ou alguma coisa se destina, o efeito ou resultado que dele se deve esperar. Daí, a preposição *em* é empregada em construções do tipo: *em honra de, em favor de, em pena de, em louvor de, em recompensa de*.

Os verbos que têm o sentido de "passar de um estado a outro", como *transformar*, *converter*, etc., apresentam complemento formado pela preposição *em*, além do objeto direto. Essa construção se relaciona à estrutura latina *in* com acusativo, por tais verbos indicarem movimentos encaminhados em determinado sentido. Essa interpretação explica construções em

português com os verbos mencionados seguidos da preposição *em*, como nos exemplos: *transformar em cinzas, converter-se em pó*.

Nas expressões *em comprimento*, *em largura*, *em altura*, *em profundidade*, a presença da preposição *em* tem explicação idêntica à das frases latinas *in longitudinem*, *in latitudinem*, que foram usadas com acusativo indicando o sentimento de "lugar para onde" seguem as linhas de medição.

A preposição *trás* está filiada ao latim *trans*, com perda da consoante nasal e alteração de sentido. Antepondo-se *ad* e *de*, formaram-se os advérbios *atrás*, *detrás*, que, por sua vez, deram origem às locuções prepositivas *atrás de* e *detrás de*.

O emprego de *trás* ocorre com verbos de movimento e tem o sentido de "após", "em segmento de", "em busca de".

Por muito tempo, *atrás* (*de*) e *detrás* (*de*) foram empregados indistintamente, com maior frequência da segunda estrutura, provavelmente pela influência de *de fronte*, *diante* (*de ante*), etc. (p 247)

As formas portuguesas *pós* e *pois* originaram-se do latim *post*, com perda da consoante final, classificando-se, respectivamente, em preposição e advérbio ou conjunção. Logo se generalizou a anteposição de *a*, *de* ou *em* à forma simples primitiva.

O português antigo usava *de em pos*, *a pos* e *de pos* de modo indiscriminado, sem considerar as diferentes relações que essas partículas apresentavam. Fazendo referência a tempo ou a um sucesso ulterior, empregava-se preferencialmente *de pós* e, com menos frequência, *após*, *empós de* e *empós*. Atualmente, essas formas estão em desuso, com exceção da preposição *após*, cujo sentido é equivalente a "depois de" e "atrás de", ambos acompanhando verbos de movimento. (p 248)

Em linguagem moderna, restam alguns vestígios da preposição *per* em certas expressões, tais como *de per si*, *de permeio*, *perante* e *pelo* < *pello* (contração de *per* + *lo*), que, a princípio, era comumente confundida com *polo* < *pollo* (contração de *por* + *lo*), mas suplantou-a definitivamente.

No latim, *per* apresentava o sentido de "através de", "por meio de", além de poder significar "lugar por onde" alguma se estende e também duração "de algum acontecimento".

Na fala cotidiana, havia um apagamento entre o sentido próprio da partícula *per* e o domínio semântico de *por*. A pronúncia muito semelhante entre as duas preposições, provavelmente, ocasionou o estabelecimento de *por*, empregado com maior frequência.

Entre os sentidos da preposição *por*, que já competiam, inclusive, com o termo *per*, destacavam-se os de "em favor de", "em lugar de", em troca de", "finalidade" e "causa". Este sentido – o de causa – mantém-se até hoje, entretanto a noção de "finalidade" passou a ser representada pela preposição *para*.

A forma *pera* foi utilizada até princípios do século XVII, tendo se originado de *per* + *ad* ou, mais possivelmente, da combinação de *pro* + *ad*.

A preposição *para* compete largamente com a preposição *a*, uma vez que ambas são empregadas com sentido de "destinação" e "lugar para onde". Há certos verbos e adjetivos que se ligam mais frequentemente à partícula *a* e outros que se constroem com a preposição *para*, sendo a escolha baseada fundamentalmente em costumes de uso e não por explicação gramatical. Às vezes, determinados verbos, como por exemplo, o *ser*, é empregado mais particularmente com a preposição *para* quando se pretende denotar a noção de destino: *para ele*, *para todos*, *para ver*. Também depois do verbo *estar* com infinitivo, significando ato de realização futura, o uso da preposição *para* se impõe, como em *está para casar*, *está para mudar-se*, *está para fugir*, etc., ao passo que, quando denota ação mais próxima ou imediata, o verbo *estar* com infinitivo é empregado com a preposição *a*, como em *está a falar demais*, *está a ver navios*. Este emprego é comum em Portugal na expressão do tempo presente em lugar do gerúndio usado no português brasileiro: *estar a dizer = estar dizendo*. (p 249)

2.1.2 Mário Pereira de Sousa Lima

Citando F. Diez, secundado por Soares Barbosa, Sousa Lima explicita um viés metodológico que antecipa a análise esposada por Bernard Pottier e seguida por Celso Cunha (ver mais adiante neste trabalho). Segundo Diez (apud Lima, 1937), "O emprego abstrato das preposições procede do seu significado local primitivo, e tanto a significação abstracta como a local é propriamente uma só. Assim *de*, na accepção local ou temporal representa a partida de um ponto, na accepção abstracta a causa. Mas o significado abstracto pode soffrer modificações em virtude do verbo regente ou do nome." Ainda segundo Sousa Lima, "pode-se dizer que umas

preposições designam "fundamentalmente" existencia e repouso; e outras, acção e movimento." (p. 184). Não é outra a opinião de B. Pottier, que distingue situação e movimento, uma e outro subdivididos em tempo, espaço e noção. Na sequência do capítulo, no entanto, Sousa Lima perde de vista esse princípio fundamental e acaba por apresentar uma análise que em nada difere da usual.

2.1.3 Sousa da Silveira

A preposição *de* provavelmente é a mais utilizada na língua portuguesa. Silveira (1951) apresenta-nos um trabalho sobre a preposição *DE* e relata que esta partícula é das mais frequentes e de mais variado uso nos idiomas românicos.

> A preposição entra na formação de numerosas locuções adverbiais e encabeça adjuntos circunstanciais; rege complementos de substantivos e adjetivos, bem como de verbos, sendo um precioso elemento não só para a clareza lógica da expressão, mas ainda para que nela se reflitam os cambiantes do pensamento (p.13)

Por tais razões, afirma que quem não empregar adequadamente essa classe de palavras não poderá falar satisfatoriamente a língua culta. Cita uma observação de Francisco Evaristo Leoni por ser de grande utilidade teórica ao leitor. Faremos o mesmo, embora longa, o fragmento é pormenorizado quanto as principais funções da preposição *DE*.

> É a mesma preposição que a latina *de*, a qual denota: - *movimento de um ponto de partida*, como a pedra que despenhada do cume do monte rola pela encosta, pela falda, pela planície, e não se sabe quando e onde há de parar. Desta primitiva ideia, que é a mesma que de *afastamento*, provém naturalmente – *diminuição, privação e falta.* – A ideia de movimento oferece a de – *modo*, - e esta a de – *meio*. – Da ideia de movimento de um ponto de partida nasce também a de – *lugar e parte donde* – e a de – *origem e princípio donde alguma coisa vem, ou procede*. – Desta última ideia se depreende a de – *causa*. – A mesma ideia de origem e princípio donde alguma coisa vem, ou procede, contém a de – direito ou posse, - que dá a de – *referência, tocante, relativo*, - e esta a de – *conveniente, oportuno*. – A referida ideia de origem e princípio donde alguma coisa vem, ou procede, conduz à de – *extração*. – A idéia da matéria de alguma coisa foi extraída faz conceber a de – *qualidade*. – Da ideia de extração vem mais a de – *parte de um todo*. – A primitiva ideia de movimento de um ponto de partida oferece a do espaço que alguma coisa percorre enquanto se desvia desse ponto, isto é a de – *extensão de espaço, grandeza e medida*, - e também a do tempo que alguma coisa emprega enquanto se desvia do referido ponto, ou a de – *tempo em que, durante*

> *o qual*; - ideia que dá também a de – *duração, medida de tempo, idade*. – A ideia de extensão e grandeza produz a de – *aumento, força e intensidade*. – Finalmente, da ideia de movimento de um ponto de partida vem a do tempo que decorre desde que alguma coisa começa a desviar-se desse ponto, isto é a de – *tempo desde que* (p. 15, 16).

Percebemos que as preposições assumem matizes variados de acordo com a necessidade de uma expressão linguística que manifeste a exteriorização psicológica do falante de uma dada língua.

Vejamos, então, alguns enunciados com a preposição *de*[1]

1. **O livro *de Maria* é bom.** A preposição relaciona o termo A (*o livro*) ao termo B (*Maria*), formando com o termo B um sintagma adjetival com função de adjunto adnominal indicando posse;
2. **Tinha aparência *de santo*.** Indica restrição;
3. **Combate *de morte*.** Indica semelhança ou comparação;
4. **Tens um coração *de pedra*.** Indica matéria e comparação hipotética (como se fosse de pedra);
5. **Comprei um relógio *de ouro***. Indica matéria.

Do 2 ao 5 seguem a mesma análise sintática do 1 (adjunto adnominal), mas as nuances significativas são *diferentes* umas das outras (posse, restrição, semelhança,comparação hipotética, matéria).

6. Vim *de Minas*. A preposição indica o ponto de início de uma ação, o movimento espacial (= o lugar de onde vim, origem) e a ideia de tempo passado que é corroborada pelo verbo, portanto ocorre uma superposição significativa de espaço e tempo;

7. O pobre vive *de teimoso*. Indica causa (= porque é teimoso), situa-se no universo nocional;

[1] Transcrevemos os exemplos da gramática de Walmirio Macedo (p 304-305)

8. **Falei *de Gramática***. Indica assunto, equivale a *sobre* e situa-se no campo nocional.

Do 6 ao 8 têm a função de adjuntos adverbiais. Portanto, sintagmas adverbiais.

2.1.4 Rocha Lima

Afirma o autor (2003, pp 180-181) que as preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro. O primeiro termo chama-se antecedente e o segundo consequente. Lima classifica as preposições como essenciais e acidentais. As essenciais são *a, ante, após com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sem, sobre*; as acidentais são *exceto, durante consoante, mediante, fora, afora, segundo, tirante, senão, visto.*

"O antecedente pode ser um substantivo, um adjetivo, um verbo, um advérbio e algumas interjeições; mas o consequente há de ser sempre um *conceito substantivo* (expresso por substantivo, pronome, infinitivo, oração substantiva, ou palavra substantivada)". (P 354).

Em casos como *castigou-o por fraco*, a presença do adjetivo *fraco* como consequente, explica-nos o autor que há omissão do verbo ser (castigou-o *por* ser fraco). Argumenta favorável a Rodolfo Lens: "La verdadera calidad expresada por adjetivo no admite el régimem de uma preposición; el témino normal es siempre un concepto sustantivo". (Idem, nota de rodapé).

Vejamos, então, o que o autor menciona a respeito das preposições *a*, *de* e *com*.

A preposição *a* introduz os vários tipos de objeto indireto; inicia o objeto direto preposicionado; rege complemento de muitos adjetivos; enceta o complemento de alguns substantivos verbais; encabeça complementos circunstanciais; forma orações reduzidas junto a verbo no infinitivo; é formadora de numerosas locuções adverbiais. (P. 356-363).

A preposição *de* introduz o complemento relativo de muitos verbos; inicia o objeto direto preposicionado; pode preceder uma oração substantiva; expressa entre outras as seguintes relações: ponto de partida, origem, efeito, assunto, meio, instrumento, modo, lugar onde, agente da voz passiva, tempo. Rege infinitivos que formam perífrases com verbos como *cessar, ter, haver, deixar*. (P. 367-369).

A preposição *com* pode estabelecer as seguintes relações: companhia, instrumento, simultaneidade, causa, oposição; observa-se, na construção de alguns verbos que são formados por prefixo que repete a preposição exigida por eles: *con*cordar *com*, *com*binar *com*, *con*correr

com, *co*operar *com*, *co*abitar *com*, *con*frontar *com*, *co*incidir *com*, *con*finar *com*, *co*existir *com*. (P. 365-366).

2.2 **A contribuição de Mattoso Câmara Jr.**

Segundo Mattoso Câmara, em latim, muitas partículas adverbiais que antecediam obrigatoriamente os verbos (preverbos), ligaram-se a eles ou ao nome que os complementava. A junção dessas formas ao verbo resultou na criação de prefixos, e a sua ligação ao complemento verbal levou ao surgimento das preposições.

Para estabelecer a relação de subordinação entre o complemento e o verbo, o latim se valia de duas marcas: os casos ablativo e acusativo e a forma adverbial anteposta ao verbo, por isso mesmo chamada de preposição. As preposições funcionavam como um reforço da ideia de dependência de um termo ao outro.

No latim clássico havia cinco declinações que se reduziram a três no latim vulgar. Assim, as preposições passaram a ser empregadas com mais frequência, pois facilitavam a compreensão da mensagem e seu uso tornou-se indispensável.

Gradualmente, o emprego generalizado das preposições, ao lado da ordem analítica que predominava no latim corrente, levou os seis casos do latim clássico a tornarem-se dois: o nominativo (sujeito) e o acusativo (objeto). O nominativo absorveu as funções do vocativo, e o acusativo, as do genitivo, dativo e ablativo, com a preposição. Assim,

de + acusativo = genitivo

ad +acusativo = dativo

de, per, cum + acusativo = ablativo

Ao compararmos o sistema de preposições na língua latina e na língua portuguesa, verificamos que houve uma redução no número de partículas usadas como elemento relacional, pois muitas dessas formas chegaram ao português como prefixos, em que uma partícula se uniu a um verbo, resultando daí uma nova palavra. Ex: sub + placare = supplicare (p.117), e logo, o mesmo processo foi estendido aos nomes.

A redução do número de preposições levou a um uso mais frequente e mais geral daquelas que permaneceram, fato que promoveu um enriquecimento funcional daquelas que se

mantiveram, pois cada uma tinha de ser empregada em situações em que antes havia outras partículas para dar sentido ao enunciado.

Em português, apenas o objeto direto (amar os pais), e alguns complementos circunstanciais que indicam tempo (chegou domingo), ou duração (trabalhou seis horas seguidas) não se ligam ao verbo pela preposição, mesmo assim, há que se levar em conta que, em ambos os casos citados, o uso da preposição não contraria a norma (amar aos pais / chegou no domingo / trabalhou por seis horas seguidas). (P.176).

Mattoso explica as preposições pelo plano locativo, subdividido em:

a) locação estática: em (in) indica "situação geral"; entre (inter), sobre (super); sub (sub), com;

b) locação dinâmica, em que se situam as noções de afastamento: de (de); percurso, por (pro); direção, a (ad).

A diferença fundamental entre o sistema de preposições em português e latim decorre do fato de que em latim havia maior número de partículas do que em nossa língua.

2.3 **Uma visão moderna**

2.3.1 Bernard Pottier

Diz Pottier que as preposições são palavras de relações. Situam uma palavra com relação a outra, diferente das palavras que funcionam como suporte semântico substantivos, verbos, adjetivos).

Propõe uma unidade de significação das preposições. Uma preposição pode ser classificada como espacial, temporal e nocional. Há afinidade entre os espaço e tempo, de modo que podem ser estudados muitas vezes juntos. Essa classificação é compreendida como campos de aplicação: universo dimensional (espaço e tempo), universo nocional (noção).

A ideia fundamental é que há pouca discrepância entre a forma e a significação das preposições. Não há "significação aparentemente diferentíssima" : en la mesa (E), en dos dias (T) en diciendo (N).

“ Hasta se há podido decir que hay preposiciones que llegan a no tener significación, lo que no se puede justificar: si existe um morfema em una lengua, está este condicionado y por lo tanto desenpeña um papel em la estructura de la lengua.” (P. 145)

Se assim não fosse não poderíamos explicar a unidade relativa das preposições frente a suas multiplicidades de usos. Sendo assim, “el semema es para um sustantivo lo que la imagem representativa para uma preposición.” (Idem)

Mostra-nos, Pottier, as seguintes representações:

‘Voy a Cádiz’, ‘Estoy a la puerta’. Nestes exemplos a preposição *a* pode ter duas significações: movimento em direção a um limite e situação pontual (sem movimento) no campo espacial: no primeiro há um espaço percorrido e no segundo uma localização no espaço. Esta base representativa é a imagem relacional, aplicada aos campos espacial, temporal e nocional.

Cada preposição pode ter um tipo de desenvolvimento: uma imagem representativa e empregos variados no discurso.

As preposições *em* e *sobre* podem ser permutáveis em alguns casos noutros não: “*n*o solo” = “sobre o solo” temos a mesma imagem representativa; já em “A árvore se inclina *sobre* o rio” e “A árvore se inclina no rio” temos imagens representativas diferentes. Portanto, os efeitos de sentido das preposições são percebidos no discurso, na língua em uso.

2.3.2 Maria Luiza López

López (1970), baseada em Pottier, aplica os conceitos dele em seus estudos, tais como língua, discurso, forma, função e significação. Os fatos da linguagem se realizam em dois níveis diferentes:

> 1° *El nível de la lengua*, es decir, del sistema que poseemos de uma manera permanente, incluso cuando hablamos.
> 2° *El nivel del discurso*, es decir, de la utilización que hacemos de la lengua cada vez que formulamos um enunciado.

> Por otra parte, todo elemento gramatical tiene un *significante* (su cuerpo fónico) y un *significado*. El significado es de dos naturalezas: *funcional* (un elemento forma parte de una categoria gramatical que desempena un papel determinado en la constitución del enunciado), y *semántica* (significa alguna cosa). De aqui los tres conceptos de forma (significante), función e significación. (p 128)

O nível da língua é o sistema que cada língua possui: o sistema da Língua Portuguesa, o da Língua Inglesa, Francesa, Espanhola; o nível do discurso é a utilização de dada língua por seus usuários. A *forma* das preposições é ser invariável e expressam uma relação entre dois sintagmas. A *função* das preposições é estabelecer uma relação entre um termo A e um termo B. A *significação* das preposições é formada por traços pertinentes que representam uma imagem. É no discurso onde as preposições assumem matizes variados, mas cada preposição possui uma unidade essencial, em meio à diversidade de valores.

Para definir a significação das preposições temos de investigar seus efeitos de sentido no discurso, situando-as nos campos espacial, temporal e nocional. Faz-se necessário, pois, abordar o eixo sintático e o eixo semântico.

O eixo sintático nos mostrará a combinação das preposições no enunciado; no eixo semântico, as preposições serão analisadas nos campos *espacial, temporal e nocional.*

López (1970), baseada em Pottier, analisa a preposição *com* e *a* na língua espanhola.

- pode ter como seu antônimo a preposição *sem* _ *com* significa adição, *com* companhia; *sem* indica separação, subtração, ausência. A preposição *com* somente se realiza no campo *nocional:* Estar *com / sem* dinheiro, Sair *com / sem* o filho
- Oposições facultativas da preposição *com.* (P 155)

Com o verbo associar-se é facultativo o uso de *com* e *a* : *associar-se* ***com****, associar-se* ***a.***

- Oposição gramatical *com / por.* (P 198)

Ocorre com verbos na voz passiva: *foi ferido* ***por*** *um cão, foi ferido* ***com*** *uma faca.* A preposição *com* é utilizada com ser inanimado, ao passo que a preposição *por* é utilizada com ser animado.

Vejamos o que ocorre nestas duas frases: *foi atingido* ***com*** *uma pedra, foi atingido* ***por*** *uma pedra*. Aqui o objeto que atingiu é o mesmo (inanimado). Há, entretanto, diferença de sentido; com a preposição *com*, sabemos que é necessário um sujeito animado, embora esteja

indeterminado, cabe a pergunta *quem o atingiu com uma pedra?* Já, com *por* normalmente não cabe a pergunta **quem o atingiu por uma pedra?* É possível afirmar, pois, para clareza do pensamento, que a preposição *por* exige sujeito inexistente. Alguém caminha ao pé de uma montanha, uma pedra se desprende e o atinge, diremos *foi atingido **por** uma pedra,* mas não, *foi atingido **com** uma pedra,* porque o sujeito não existe, à semelhança *de foi atingido **por** um raio,* mas não, ***com** um raio.*

- A preposição ***A*** representa um movimento em direção a um limite, e pode expressar o término de um movimento ou a coincidência com o limite. Campo *espacial*: Vou *a* Paris movimento em direção a
  *A*o teu lado lugar pontual

Campo *temporal* : *A*o quinto dia de navegação ao fim de
*A*o meio-dia tempo pontual

Campo *nocional*: *A* não ser que condição

2.4 **Dois gramáticos tradicionais contemporâneos**

2.4.1 Evanildo Bechara

Bechara (2003), argumenta que a preposição é uma palavra desprovida de independência. Por isso, não aparece sozinha no discurso; depende de outra palavra para indicar as relações gramaticais que ela desempenha no discurso. "Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz". (P 290).

A preposição funciona como um transpositor, isto é, muda a classe do termo por ela encabeçado. Em "Homem *de* coragem", "Homem *com* coragem", "Homem *sem* coragem" as preposições *de, com* e *sem* transpõem a classe do substantivo "coragem", fazendo com que assuma, junto com as preposições sintagmas preposicionados com valor adjetival. "De coragem" e "com coragem" equivalem a corajoso e "sem coragem" a medroso.

O termo que aparece antes da preposição chama-se *antecedente* ou *subordinante* e o posterior chama-se *consequente* ou *subordinado*. Aquele pode ser substantivo, adjetivo, pronome,

verbo, advérbio ou interjeição; este, pronome, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio.

No enunciado "*De noite* todos os gatos são pardos" o sintagma *de noite* cujo núcleo é um substantivo, que semanticamente designa uma das partes do dia, exerce a função de adjunto adverbial. Esta é uma prova de que a preposição é um transpositor. Portanto, nesse enunciado, temos *preposição+substantivo=adjunto adverbial.*

Todas as unidades linguísticas têm um significado que muda de acordo com o papel léxico ou puramente gramatical que elas assumem no discurso.

"Cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais". (P 291). Na frase "nós trabalhamos *com* ele e não *contra* ele" a primeira preposição significa companhia e a segunda significa oposição.

"A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de 'copresença'; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no 'estado de coisas' designado". (Idem). Dessa forma, a competência linguística do usuário da língua permite-lhe depreender os diversos matizes, partindo de um único significado.

A preposição *com* aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão, oposição. Sintaticamente inicia o complemento relativo e o complemento nominal.

Azeredo segue os mesmos passos e acrescenta: "chama-se **preposição** *a palavra invariável que precede uma unidade nominal – substantivo pronome substantivo, infinitivo –, convertendo-a em constituinte de uma unidade maior"* (p 196). E

> por estar sempre apta a originar construções ou locuções de caráter adjetivo ou adverbial, a preposição é, sobretudo do ponto de vista sintático, um transpositor (...) as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções de que participam. Essa maior ou menor relevância está relacionada aos graus de liberdade do enunciador na seleção da preposição. Em muitos casos, a preposição não é escolhida pelo que significa, mas imposta ao usuário da língua pelo contexto sintático (idem).

Vê-se que cabe à preposição, entre outros morfemas da língua, o papel de transportar o termo que a segue para outra classe. Por isso, é chamada de *transpositor*; a que contribui de

forma menos relevante é aquela exigida pelo termo que a sucede, isto é, o falante da língua utiliza a preposição automaticamente, pois ela se coaduna sintático-semanticamente com o seu antecedente, originando um bloco indecomponível, existente no sistema da língua, por exemplo, o substantivo "necessidade", o verbo "concordar", o adjetivo "vencido" são utilizados instantânea e respectivamente com *de*, *com* e *por*. Não há outra opção. Não há escolha. Razão pela qual se diz que estas preposições, acompanhado estes termos, são vazias de sentido próprio. Transpõem tão-só seus consequentes às funções sintáticas de complementos nominais, ou relativos e adjuntos adnominais. Ao passo que, as preposições de maior relevância são as que o usuário escolhe, no sistema da língua , a que melhor expresse a sua mensagem: *"viajou **sem** destino", viajou **com** a família, viajou **para** o nordeste; caixa **de** papelão, caixa **para** charutos, caixa **com** alça* (p 197). Estas preposições participam signitivamente dos enunciados em que aparecem.

Pode-se, portanto, afirmar que os transpositores têm a capacidade de, a partir de um número limitado de vocábulos e de um número limitado de relações semânticas fundamentais, construir um número ilimitado de enunciados. É aqui que o grau de liberdade do enunciador alcança sua plenitude, isto é, ele tem a possibilidade de produzir infinitas sentenças com infinitos sentidos.

2.4.2 Celso Cunha (Lindley Cintra)

De acordo com os autores (1985), preposições são "palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE)". (P 542)

Classificam as preposições quanto à forma SIMPLES (expressas somente por um vocábulo) e COMPOSTAS (expressas por mais de um vocábulo); e quanto ao CONTEÚDO SIGNIFICATIVO E FUNÇÃO RELACIONAL. A relação estabelecida pela preposição pode exprimir MOVIMEMTO ou SITUAÇÃO (ausência de movimento) e pode ser considerada em referência ao espaço, tempo e noção.

Analisam dois exemplos que constam a preposição *com*: viajei *com* Pedro e concordo *com* você (*com* Pedro = adjunto adverbial e *com* você = objeto indireto). Afirmam que

> O uso da partícula *com* após o verbo *concordar* provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia" em favor da função relacional pura. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da PREPOSIÇÃO, e considerá-la um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional. Cumpre, no entanto, salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de PREPOSIÇÃO OBRIGATÓRIA selecionam determinadas PREPOSIÇÕES exatamente por causa de seu significado básico. (P 546)

E "a maior ou menor intensidade significativa da PREPOSIÇÃO depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida". (Idem). As relações são *fixas*, *necessárias* e *livres.*

Nas relações fixas, o uso uniu as preposições a determinadas palavras, formando um conjunto significativo: "Rua Luís *de* Camões", "Necessariamente hão *de* vencer", "sigo em frente até dar *com* eles".

Nas relações necessárias, "as preposições relacionam ao termo principal um consequente sintaticamente necessário: lembro-me *de* nada (verbo + objeto indireto), vontade *de* Deus (substantivo + complemento nominal), fui *a* Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário), feita *por* alfaiate (particípio + agente da passiva)". (P 548)

Nas relações livres, o uso da preposição é uma escolha do usuário da língua. "o emprego da preposição em relação livre é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo". (Idem)

Dão-nos os seguintes exemplos:

Encontrar **com um amigo.**

Encontrar **um amigo.**

Procurar **por alguém**

Procurar **alguém**

Os efeitos de sentido, causados pela preposição proporcionam ao falante exteriorizar o pensamento de várias maneiras.

2.5 **Contribuições recentes**

2.5.1 Ataliba Teixeira de Castilho

Castilho (2009) faz uma análise sistêmica das preposições, apresentando os seguintes aspectos: 1) diacronia das preposições: estudos de gramaticalização; 2) sintaxe das preposições; 3) semântica das preposições; 4) abordagem das preposições segundo os textos de Borba (1971) e Neves (2000).

Gramaticalização

A gramática tradicional identificou, desde o início, as preposições essenciais como as mais gramaticalizadas e as acidentais como as menos gramaticalizadas. As essenciais são *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para perante, por, sem, sob, sobre, trás*. Pertencem às acidentais *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*.

Pelo que se sabe, Séchehaye foi quem iniciou a proposta de se criar um consenso sobre as preposições entre os linguistas. Ele denomina de **fortes**, as preposições de sentido próprio, como *contra, entre, sobre* e de **fracas** – como *a, com, de* – as que seu sentido se concretiza no enunciado. Os gramaticalizadores designam **fortes** as "menos gramaticalizadas" e as **fracas,** de "mais gramaticalizadas". Aparentemente, entre os gramáticos de língua portuguesa, somente Rocha Lima aderiu a essa terminologia.

Pontes (1992) defende o desaparecimento progressivo da preposição *a* e o uso de *em* quando se quer indicar localização e *para* quando se pretende indicar direção. Então, a preposição *em* marca "espaço – movimento", enquanto que *para* designa "espaço + movimento". Esses comentários mostram que o emprego de *em* ou *para* com verbos de movimento no português do Brasil não configura um caso de variação sintática, mas de distribuição complementar.

Moraes de Castilho (2005 b) argumenta que tanto a preposição *de* como *em* que antecede gerúndios foram, originalmente, locativos. Kewitz (2007) afirma que, no português brasileiro, as preposições *a* e *para* competem entre si, embora com certa preferência pela segunda.

Sintaxe das preposições

A gramática tradicional estabelece que as preposições subordinam o termo consequente ao antecedente, em que o sentido do primeiro se completa pelo segundo, ou seja, o termo consequente passa a complemento do antecedente.

Travaglia (1985) tem um estudo sobre a presença e a omissão das preposições essenciais que introduzem objeto, apresentando suas significações básicas.

Borba (1971, p. 133) defende que a preposição *a* indica direção com os verbos *ir, vir, levar, chegar, conduzir, voltar, mandar, descer*, etc., ao passo que a preposição *em* demonstra que o falante está interessado em apresentar sua inclusão no ponto de chegada e não em indicar direção. Borba corrobora o conceito de Varrão, que não entendia essas preposições como sinônimas.

Mollica (1996) argumenta que a variação *a*/*para* e *em* tem relação com as características morfossintáticas do nome presente no sintagma preposicionado, explicando-se ainda por fatores discursivo-textuais.

No português paulista, Berlinck (1997, 2000 a, b), ao pesquisar os complementos preposicionados empregados no século XIX confirmou a progressiva diminuição de uso de *a* por *para*, indo ao encontro dos estudos de Pontes.

Oliveira (2001) estuda preposições causativas e as que ocorrem nos grupos verbais, mostrando que a preposição *a* preserva o sentido de posição final do eixo horizontal.

Pode-se concluir, com base nesses comentários, que os ensaios referentes aos estudos sobre as preposições focalizam uma ou duas, não estendendo as pesquisas a um grupo mais abrangente das preposições, que facilitaria uma compreensão mais efetiva dessa classe de palavras. Também as gramáticas tradicionais pecam por apresentarem as preposições como uma série de itens, sem nenhuma articulação entre elas e o que representam como classe de palavras.

Semântica das Preposições

Diferentes autores tratam do assunto, sem, entretanto, apontarem para uma autonomia semântica das preposições.

Bechara (2003, p. 298) defende que "cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em

acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo".

Nessa linha, pode-se afirmar, segundo Rocha Lima (1992) que as preposições são separadas entre as de traço dinâmico (*a, ante, contra, para, de, desde, por*) das que possuem traço estático (*trás, sobre, sob, com, sem, em, ante, entre, perante*).

Pottier (1970) dividiu as preposições em campos: espacial, temporal ou nocional. Por esta última, Pottier abrange as que os sentidos não entram nas categorias de espaço e tempo. Viaro (1994) elaborou um minucioso estudo sobre as alterações semânticas sofridas pelas preposições no percurso do latim ao português e ao romeno, operando com conceitos de espaço, movimento, orientação e tempo.

Borba retrata as preposições nos ângulos de frequência de uso, estrutura dos sintagmas preposicionados, função semântica das preposições, função morfossintática, função expressiva e representação fônica. Ao tratar das funções semânticas das preposições, Borba divide-as em nove hipersememas (p. 80), as quais ele denomina de "áreas significativas" (p. 140), entendidas como conjunto de propriedades que fornecerão as bases para a classificação semântica geral das preposições em vários "subsistemas" (p. 210), que, dependendo do contexto das sentenças, as mesmas preposições podem assumir diferentes sentidos: <u>espaço/ tempo</u> (praticamente comum a todas as preposições); <u>relação ou referência</u> (*a, com, de, em, para, por, sobre*); <u>causalidade</u> (*a, ante, com, de, em, para, por, sobre*); <u>quantidade ou valores numéricos</u> (*a, até, de, em, entre, para, por*); <u>modo – que respondem à pergunta "como?" –</u> (*a, com*); <u>posse ou conteúdo</u> (*com, de*).

Na *Gramática de Usos do Português* (2000, p. 603-738), Maria Helena de Moura Neves divide as preposições em três arranjos: (1) preposições introdutoras de argumento; (2) preposições não introdutoras de argumento; (3) preposições acidentais ou menos gramaticalizadas.

Sobre a preposição *a*, Moura Neves destaca a possibilidade de introduzir:

● *complemento de verbo/ <u>+</u> dinâmico, o qual se refere*: a) ponto de chegada ou ponto final de referência; b) ponto de origem; c) complemento que se refere ao objeto não afetado da ação verbal; d) complemento que se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal; e) complemento que se refere ao beneficiário; f) complemento que se refere ao experimentador de estado ou processo; g) complemento causativo; h) complemento designa fim, destino, utilização;

i) complemento é o afetado pela ação verbal; j) complemento é um efetuado a partir da ação verbal; l) complemento locativo; m) complemento é objeto direto preposicionado.

● *relações semânticas como adjunto adverbial, adjunto adnominal, função predicativa, locuções prepositivas indicadoras de circunstância, construções de perífrases, construções de modalização deôntica, construção de a + infinitivo equivalente a gerúndio, expressões fixas.* Na indicação de circunstância, a preposição *a* pode indicar tempo, lugar, proximidade ou contiguidade, exposição, instrumento, modo, causa, conformidade, assunto ou referência, limite superior, restrição ou limitação, preço, fim, termo de movimento, condição.

A proposta de Ataliba de Castilho (2009) é integrar as posições de Bobra e Moura Neves, partindo do pressuposto que as preposições dispõem de um sentido prototípico, reconhecível a partir das categorias cognitivas de "posição no espaço", "deslocamento no espaço" e "distância no espaço". No seu postulado, as preposições representam os participantes do discurso em sua localização nos espaços horizontal/ vertical/ transversal. Também indicam a movimentação estática ou dinâmica dos participantes do discurso, além de subordinar as duas noções anteriores às ideias de "longe / perto".

2.5.2 Rodolfo Ilari

Ilari et al. (2008) – a partir de uma investigação iniciada por Carlos Franchi, com cerca de cinco mil exemplos – faz algumas "descobertas" sobre o uso das preposições. Das 5.215 ocorrências registradas, 31% pertencem a *de*, 27% a *em*, 12% a *para*, 10% a *a*, 8% a *com*, 5,5 a *por*, 1,7% a *até*. As demais ocorrências não ultrapassam a 1% do total. Desses usos bastante desiguais, evidencia-se que as preposições mais usadas são aquelas que apresentam maior variedade de empregos.

Uma outra descoberta é do ponto de vista sintático. As

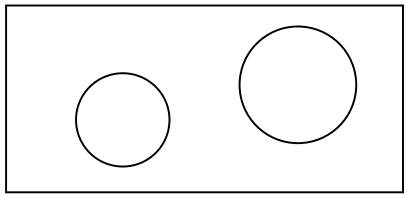
> preposições são bem menos parecidas ente si do que as gramáticas costumam fazer parecer. As diferenças aparecem quando, aplicada a definição mais geral que as apresenta como conectivos, se verifica a natureza dos objetos sintáticos que elas ligam. A velha formulação segundo a qual as preposições "ligam palavras" não se mostra satisfatória. Definindo as preposições como "conectivos que ligam *palavras*", cria-se uma oposição aos conectivos que ligam *sentenças* (p 625).

Dão-nos os seguintes exemplos: *O Palmeiras está vencendo o Corinthians Para alívio dos palestrinos / Não dá para ver coisa nenhuma com tanto prédio.* Os termos que antecedem as preposições *para* e *com* são sentenças completas. Constata-se que a preposição pode também "acrescentar um adjunto a uma sentença completa" (p 626). sintaticamente as expressões encabeçadas por *para* e *com* "não são necessárias" à boa formação da frase. Mas é aqui que essas palavras assumem relevâncias semânticas ilimitadas, porque o enunciador tem um alto grau de liberdade ao selecioná-las.

Nestas frases, as expressões encabeçadas por *para* e *com* têm mobilidade: 'O Palmeiras, *para alívio dos palestrinos*, está vencendo o Corinthians' / '*Para alívio dos palestrinos*, o Palmeiras está vencendo o Corinthians' / '*Com tanto prédio*, não dá para ver coisa nenhuma' / 'Não dá para ver, *com tanto prédio*, coisa nenhuma'.

Sob a ótica cognitivista, Ilari traça esquemas imagéticos de natureza espacial para as preposições. "Num nível cognitivo diretamente motivado pelas experiências motoras, os falantes compartilham esquemas imagéticos – esquemas muito gerais, desprovidos de conteúdo proposicional e de formulação linguística, e vinculados diretamente à percepção de si próprio e do ambiente"(p 649).

Para a preposição *com*,(p 744), o esquema imagético é de concomitância. Equivale à presença de dois objetos ou indivíduos num mesmo espaço:



Os valores semânticos mais importantes da preposição *com* são *comitativo* (que exprime companhia) e *modo.*

Na mesma página, esclarece que o "o caso prototípico do comitativo realiza-se quando a sentença remete a um indivíduo cuja ação, essencialmente a mesma do agente, é vista como paralela secundária ou dependente"; o modo responde à pergunta *como?* Procura esclarecer como se desenvolveu a ação. Mas em 'João esculpia *com* um canivete' cabe duas perguntas: 1ª) João

esculpia como? 2ª) João esculpia com que? Evocando nosso conhecimento de mundo, sabemos que para esculpir algo é necessário a atuação de dois "objetos" (um ser animado ou considerado como tal e um ser inanimado – uma ferramenta – ou considerado como tal) para o mesmo fim.

Após esse argumento, parece-nos que devemos responder a segunda pergunta e considerar *instrumento* em vez de *modo.*

O autor afirma que "podemos dizer com tranquilidade que o valor modal de *com* é relativamente claro e pouco sujeito a extensões polissêmicas" (p 745).

Vimos até aqui que a preposição pertence a uma classe de palavras, cuja significação é muito variada.

As preposições, segundo Matoso Câmara (1976, p 60), são palavras invariáveis que unem dois termos, acrescentando-lhes variados matizes significativos e estabelecendo um papel subordinativo ao segundo termo. Formalmente, são vocábulos *dependentes* porque não funcionam isoladamente como comunicação suficiente.

Para o mestre francês, Pottier, as preposições são *palavras de relações,* isto é, elas têm significação num enunciado, e sistematiza a maneira como elas atuam, evocando *espaço* (lugar), *tempo* e *noção*. Essas classes de significação, Pottier as divide em *universo dimensional* – espaço e tempo – e *universo nocional* – noção.

A maioria das preposições indica *movimento* e *situação pontual.*

Cada preposição tem como base uma *imagem representativa* nos campos de aplicação (espaço, tempo e noção) e empregos variados no discurso, o que causará, no universo dimensional, uma superposição de relação entre espaço e tempo; e, ainda uma ideia de passado ou futuro.

Muitos estudiosos, entretanto, dizem que existem preposições *cheias* (as que evocam espaço, tempo, noção) e *vazias* (as que não evocam àquelas ideias, apenas funcionam como elo sintático). Esta é a posição mais atual a ser considerada. Porém, Pottier discorda e justifica: "se existe um morfema em uma língua, está este condicionado e, portanto desempenha um papel na estrutura da língua" (p 145).

Cunha e Cintra dizem que "o uso da partícula *com* após o verbo *concordar*, por ser construção já fixada no idioma provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia", em favor da função relacional pura. (p 546)

Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da preposição, e considerá-la um simples elo sintático, vazio de "conteúdo nocional''.

María Luisa López diz que "teríamos que traçar um esquema especial para o uso da preposição *de* em frases do tipo *o filho de Antonio, os pobres da cidade*, etc., onde se estabelece uma relação estática; há o efeito de posição. A representação correspondente a este *de* seria: indicando uma relação puramente estática" (p 136).

A investigação descritiva leva ao esvaziamento semântico as preposições que são exigidas por determinados verbos, tais como, sonhar, topar, lidar. A obrigatoriedade sintática da preposição, eleva-a a um índice máximo de gramaticalização, tornando-a vazia de significação.

Ataliba chama de *figura* o antecedente e de *ponto de referência* o consequente. Parte do pressuposto que as preposições dispõem de um sentido prototípico reconhecível a partir de categorias cognitivas de posição no espaço, deslocamento no espaço, e distância no espaço. Trata-se da localização real ou imaginária dos participantes do discurso, por meio de quatro pares conceptuais opositivos: posição inicial / final, superior / inferior, anterior / posterior e dentro / fora. Tais posições são percebidas tomando em conta o corpo humano.

Cabe essencialmente ao dicionário fornecer a caracterização dos valores semânticos das preposições. No entanto, como a preposição contribui para a interpretação semântica do sintagma funcional que ela introduz, a questão de sua significação diz respeito também à análise gramatical. Considerar-se-á, portanto, que boa parte do sentido fundamentalmente relacional das preposições é dada por uma carga semântica própria que, adicionada à construção, confirma o semantismo dos constituintes que elas põem em relação. A preposição *com*, por exemplo, pode indicar o instrumento (cortar madeira *com* um serrote), a companhia (ir à festa *com* os amigos), a participação (traduzir uma obra *com* um colega), o modo (vestir-se *com* discrição), a matéria (preparar a massa *com* farinha e ovos), variados tipos de posse (o rapaz *com* camisa listrada, mulheres *com* crianças no colo, pássaros *com* plumagem prateada) etc. Por trás dos variados efeitos de sentido, pode-se frequentemente recuperar um significado básico invariante (neste caso, a concomitância, isto é, a copresença de dois termos articulados pela preposição, uma relação de sentido cuja negação é expressa pelo antônimo *sem*), mas geralmente sobredeterminado pela informação contextual, situacional ou enciclopédica.

Se o sentido de certas preposições e locuções prepositivas é relativamente estável e facilmente identificável (espacial: em, sobre, sob, perto de; instrumental: graças a, por meio de; causal: por causa de, em virtude de), outros apresentam uma gama de interpretações de tal sorte diversificada, que parece inútil associar uma base de sentido comum a todos os seus empregos. É o caso das três preposições mais frequentes do português – *a*, *de*, *em* – que muitas vezes são descritas como 'semanticamente vazias' ou 'de sentido vago ou empobrecido', para significar que a presença delas é uma exigência estritamente sintática (lição *de* casa / lição *de* matemática, especialista *em* formigas, especialista *em* apuros).

Vamos ver, por fim, o que dois dicionários mencionam a respeito da significação do verbete *com*

HOUAISS: *Com* prep. Relaciona por subordinação e expressa os sentidos: 1.1 companhia, acompanhamento, reunião; em companhia de <vive c. a mãe> <anda c. o violão debaixo do braço> <café c. leite> 1.2 acordo ou desacordo; em conformidade (ou inconformidade) com <concordaram c. o poeta: nada será como antes> <de acordo c. isso, as tarifas terão de baixar> <em desacordo c. sua família, divorciou-se> 1.3 relações interpessoais diversas (afeto, adversidade, aproximação, união, oposição etc.); no que se refere a <ser dócil c. os filhos> <portar-se cruelmente c. a mulher> <conversar c. a vizinha> <identificar-se c. o pai> <estar em luta c. a própria consciência> <o conflito do Brasil c. o Paraguai> 1.4 meio ou instrumento; por meio de <segurou a brasa c. uma tenaz> 1.5 comparação <muito parecido c. o pai> 1.6 condição de vantagem ou desvantagem <sair c. sorte de uma empreitada> <vender c. deságio um título> 1.7 matéria de um conteúdo ou de uma parte ou de um acessório <um jarro c. vinho> <uma pasta c. documentos> 1.8 adição ou adjunção; além de <c. isso, pretendiam melhorar os seus conhecimentos de inglês> 1.9 sensação ou padecimento <estar c. sono> <estar c. cãibras> 1.10 matéria <só cozinhamos c. azeite de primeira> <uma balaustrada construída c. madeira de lei> 1.11 modo de ser ou de agir <viver c. medo> <comentar c. prazer um bom livro> 1.12 estado de espírito <estar c. ódio> 1.13 processo, relação simultânea; concomitante com, perto de, junto de <levanta-se sempre c. a aurora> <a dor vai passar c. o tempo> 1.14 finalidade, objetivo, propósito <apareceram aqui c. a pretensão de nos dominar> 1.15 oposição, contraste ou restrição; malgrado, apesar de <c. o respeito que devia ao juiz, refutou suas palavras> 2 empr. com valor adverbial, pode ter o sintagma introduzido pelo com 2.1

equivalente a um gerúndio <c. fazer tantas concessões, não haverá mais possibilidade de comando governamental (= fazendo)> 2.2 equivalente a um advérbio em -mente <atingiu-o com covardia (= covardemente)> 3 empr. em exclamações <c. a breca!> <c. mil demônios!>gram/uso a) como conectivo principal, na formação de sintagmas prepositivos, pode ser empr.: com valor de entre ou para (ganhou fama c. os nordestinos; simpático c. os irmãos); b) como conectivo secundário, pode reger o substantivo principal da expressão (caridoso para c. os pobres); c) empr. em lugar do artigo (cumprir c. suas obrigações); d) empr. com certos verbos, pode acrescentar-lhes matizes de sentido, p.ex., ter alguém c. ele (estar acompanhado por alguém, ter o apoio de alguém); estar c. alguém (estar acompanhado de alguém, estar vivendo em concubinato com alguém, ser apoiante de alguém, simpatizar com ele); e) com valor adverbial, pode ser omitido: ao saberem das notícias, vieram a correr, (com) o espírito em fogo pela curiosidade; f) agrega-se como prefixo a outro vocábulo e torna visível o processo de gramaticalização na língua quando entra, p.ex., na formação de: contudo, conquanto; g) aglutina-se tb. com formas dos pronomes pessoais, referentes ao ablativo latino (comigo, contigo, consigo, conosco, convosco) etim prep. lat. cùm exprime ideias de 'companhia, sociedade, junção no tempo ou no espaço, qualificação, maneira de ser ou de estar, acompanhamento e consequência, instrumento'; rege complemento de verbos que implicam 'convergência, junção ou divergência, oposição'; esses diversos sentidos são valores contextuais da prep. com que, como el. estruturador, precede um determinante (voc., snt., oração) e o relaciona a um determinado (voc., snt., oração), para definir, entre os el. inter-relacionados, noções de adição, associação, simultaneidade, convergência ou indicar modo, meio; no lat. a prep. cum rege abl.; por indicar modo e meio, desenvolve, nas línguas român., a função específica de introduzir o el. Instrumental.

AURÉLIO: *Com* prep. Estabelece variadas relações: 1.&186;) modo: falar com eloquência; 2.&186;) causa: o sertanejo empobrecera com a seca; 3.&186;) companhia: passear com amigos; 4.&186;) oposição: bater-se com o rival; 5.&186;) instrumento: fazer a barba com navalha; 6.&186;) simultaneidade: Iracema concerta com o sabiá da mata o canto agreste; 7.&186;) concessão: com todo o seu talento verbal, o advogado não conseguiu convencer o juiz; 8.&186;) adição: café com leite; 9.&186;) em relação a, para com: gentil com as damas. / Ligado a um infinitivo substituível por gerúndio, tem não raro valor causal: fiquei triste com ver tanta

miséria! / Antes de infinitivo, pode ainda marcar a ideia de concessão: sua casa, com ser pequena e pobre, está sempre aberta para os amigos.

Os dois dicionários apresentam várias significações do *com.* De posse disso o usuário da língua perceberá que a preposição *com* pode ser utilizada para variados fins, oferecendo-lhe um alto grau de liberdade de escolha. O *Houaiss* é bem mais investigativo. Mostra-nos 15 significados e mais 9 empregos do *com,* além da etimologia da palavra.

Vistas estas considerações teóricas, passemos para a descrição do nosso *corpus,* no qual será analisado a tipologia gramatical da preposição *com* no texto Vidas Secas, valorizando a descrição sintática e semântica desse conectivo.

3 TIPOLOGIA GRAMATICAL DA PREPOSIÇÃO *COM* DO TEXTO *VIDAS SECAS*

Neste capítulo, descreveremos a tipologia gramatical da preposição *com*, levando em conta: 1) os casos de esvaziamento semântico desta palavra que tende a ser mais, ou menos gramaticalizada; e 2) os casos de relevância semântica nos quais a preposição assume ilimitados sentidos.

Utilizaremos caixa alta para a tipologia gramatical, seguida dos exemplos entre parênteses, pertencentes à mesma tipologia (quando houver mais de um), em ordem numérica, de acordo com a descrição e um exemplo comentado para cada tipologia. Consta no apêndice a listagem numérica de acordo com a tipologia dos exemplos e a listagem dos exemplos conforme aprecem no texto *vidas secas.* No final de cada exemplo, encontra-se em algarismo romano o capítulo da obra, e em arábico, o parágrafo de onde o exemplo foi transcrito.

3.1 **Casos de esvaziamento semântico de *com.***

4.1.1- V + COM SN, com antecedente modal "obrigatório": (1-4).

1 - Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. [Fabiano] Montado, confundia-se ***com*** *o cavalo. (II, 20)*

O significado de *confundir com* é de semelhança. O termo consequente (o cavalo) assemelha-se ao antecedente (Fabiano montado). A redundância da preposição, já presente no radical do verbo, forma com ele um todo significativo. Isso colabora para o enfraquecimento semântico da preposição, por ser uma construção *necessária,* imposta sintaticamente ao usuário da língua. Embora o verbo *confundir* exija *com* para complemento, o seu antecedente, neste caso, está seguido de um atributo modal obrigatório para a composição da cena.

3.1.1.2- V + COM SN: (5-7).

*6- Outra vez sinha Vitória pôs-se a sonhar **com** a cama de lastro de couro. (IV, 28).*

Em *sonhar com* preposição e verbo "soldam-se" formando um todo significativo, um conglomerado verbal, uma lexia complexa. Há um esvaziamento semântico da preposição, acarretando alto índice de gramaticalização do *com*. *Com* encabeça o complemento relativo.

3.1.1.3- V + COM SN (= complemento relativo circunstancial / complemento nominal): (8-30).

*12- Agora [Fabiano] queria entender-se **com** sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. (II, 29)*

Há também um todo significativo em *entender-se com,* mas por ser um verbo de comunicação exige complemento relativo de companhia, acarretando, então, um menor índice de gramaticalização do *com.*

3.1.1.4- **Convicção**. A convicção é uma afirmação enunciada por meio de uma expressão cristalizada, uma construção fixa, com função modalizadora que indica fato.

COM SN: (31-44)

*31- [Fabiano] Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, **com** certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. (II, 8)*

Com certeza é uma expressão fixa, cristalizada que indica convicção. O enunciador a utiliza para exteriorizar um fato, modalizando-o. Ele está convicto disso: *iam admirar-se ouvindo-o falar só.*

3.2 **Casos de *com* semanticamente relevantes.**

3.2.1- **Companhia**: há companhia quando a um ente se associa outro para praticar ou sofrer a mesma ação.

V + COM SN: (45-55).

*47- Provavelmente os meninos estavam **com** ela [sinha Vitória]. (VIII, 13)*

Estavam na companhia da família.

3.2.1.1- V + COM SN + LOCATIVO: (56-58).

*56- (...) sinhá Vitória se escondera na camarinha **com** os filhos. (VII, 8)*

Sinha Vitória estava na companhia dos fillhos na camarinha. O locativo *na camarinha* compõe a cena, logo, é semanticamente obrigatório.

3.2.1.2- V + COM SN + GERÚNDIO:

*59- Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, **com** a família morrendo de fome, comendo raízes. (II, 2)*

Chegara na companhia da família daquele modo. O gerúndio enfatiza a situação em que eles estavam (*morrendo de fome, comendo raízes*).

3.2.1.3- V + COM SN + ADJETIVO + LOCATIVO:

*60- [Fabiano] Dormiria **com** a mulher, sossegado, na cama de varas. (XI, 23)*

O adjetivo *sossegado* e o locativo *na cama de varas* enfatizam o modo e o lugar onde respectivamente a situação aconteceria.

3.2.1,4- ADJETIVO + COM SN + LOCATIVO + GERÚNDIO:

61- Estivera metido no barreiro ***com*** *o irmão, fazendo bichos de barro, lambuzando-se. (VI, 17)*

O gerúndio *fazendo* e *lambuzando-se* enfatizam a ação que acontece no barreiro.

3.2.2- **Instrumento**. Ocorre quando um ente se liga a outro, inerte ou considerado como tal, com a mesma finalidade.

V + COM SN: (62-95).

65- [Fabiano] Pôs a cuia no chão, escorou-a ***com*** *pedras, matou a sede da família. (I, 32)*

O verbo *escorar* exige que o instrumento utilizado para tal fim permaneça junto à coisa escorada, no caso a cuia. Percebe-se que sem o instrumento – pedra – a cena não seria possível, assim como, 'escorar a roseira com um pedaço de madeira', 'escorar a parede'. O instrumento que escora tem de permanecer presente.

3.2.3- **Modo / maneira**. A relação "de *maneira* observa-se em certos dizeres referentes a partes do corpo, ou atos próprios delas" (Said Ali. 1931: 240). Indica, portanto, situação física.

V + COM SN: (96-132).

96- [Fabiano] Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, ***com*** *sede. (I, 31)*

Situação estativa. Estavam naquele lugar (debaixo do juazeiro) e daquele modo: *com sede*, cuja função é adjunto adverbial. *Sede* é substantivo abstrato que denota situação física.

3.2.3.1- V + COM SN + LOCATIVO: (133-141).

133- Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória ***com*** *o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça. (I, 2)*

Sinha Vitoria ia levando o filho em uma parte do corpo – o quarto. Há uma hierarquia entre os dois fatos: a ação de sinha Vitória e a copresença do filho mais novo que é indicada pela preposição *com,* com fundo espacial. O atributo locativo é indispensável. A caracterização circunstancial de modo é favorecida também pelo verbo *arrastar*.

3.2.3.2- V + COM SN + PREDICATIVO: (142-149).

142- Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, ***com*** *os pés apalhetados, numa atitude ridícula. (I, 13)*

A expressão *com os pés apalhetados* indica a situação modal em que o papagaio se encontrava. *Apalhetados* é um atributo predicativo de *os pés* indispensável ao enunciado.

3.2.3.3- V + COM SN + S Prep: (150-167)

158- Sinha Vitória caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, ***com*** *o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. (VIII, 8)*

Era de se esperar que sinha Vitória usasse o guarda-chuva como instrumento para se sustentar ereta como se fosse uma bengala, mas ela o leva daquele modo, ***com*** *o castão para baixo e a biqueira para cima.* Há, portanto uma quebra de expectativa

4.2.3.4- V + COM SN + ADJETIVO: (169-175).

174- Sinha Vitória, ***com*** *uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. (XIII, 20)*

O adjetivo *enjoada* descreve o modo negativo da careta feita por sinha Vitória.

3.2.3.5- V + COM SN + GERÚNDIO: (176-178)

*176- [Fabiano] Estava **com** a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada de cabo de facão. (III, 63)*

Situação estativa. Fabiano encontrava-se daquele modo *com a testa doendo. Doendo* é um atributo gerundial, indicativo de modo.

3.2.3.6- V + COM SN + LOCATIVO + PREDICATIVO + GERÚNDIO:

*179- O menino foi à sala interrogar o pai, encontrou-o sentado no chão, **com** as pernas abertas, desenrolando um meio de sola. (VI, 2)*

O *com* encabeça a relação de modo assim como o adjetivo sentado, mas é a tipologia gramatical do enunciado que faz com que tenhamos uma imagem nítida da cena, mostrando-nos a sequência dos fatos: encontra-o 1) sentado (modo), 2) no chão (local), 3) com as pernas abertas (modo), 4) desenrolando um meio de sola (ação).

3.2.4- **Meio**. Quando a exteriorização é feita por meio de algo abstrato.

V + COM SN: (180-206)

*180- Sinha Vitória estirou o beiço indicando vagamente uma direção e afirmou **com** alguns sons guturais que estavam perto. (I, 10).*

Sinha Vitória afirmou por meio de alguns sons guturais que estavam perto. Utilizou como meio para afirmar que estavam perto alguns sons guturais

3.2.5- **Causa**.

V + COM SN: (207-214)

*207- Viera a trovoada. E, **com** ela, o fazendeiro, que o expulsara. (II, 14)*

Pode ter as seguintes paráfrases: ‘Em virtude da trovoada viera o fazendeiro’, ‘o fazendeiro veio por causa da trovoada’. Primeiro veio a trovoada (causa) e depois o fazendeiro (consequencia).

3.2.5.1- V + COM SN + ADJETIVO:

*215- As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as; os chocalhos batiam. Iriam engordar **com** o pasto novo, dar crias. (VII, 23)*

Cabe as seguintes paráfrases: as vacas iriam engordar em virtude do pasto novo. Por estar novo o pasto, as vacas iriam engordar.

3.2.5.2- V + COM SN + SPrep: (216-219)

*216- Fabiano zangou-se **com** a impertinência deles e quis puni-los. (VII, 24)*

Fabiano zangou-se em virtude da impertinência deles.

3.2.5.3- ADJETIVO + COM SN + SPrep: (220-223).

*220- Sinha Vitória devia estar desassossegada **com** a demora dele. (III, 38)*

Em virtude da demora dele, sinha Vitória devia estar desassossegada.

3.2.5.4- ADJETIVO + COM SN: (224-229).

224- Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito ***com*** *a lição, pensando na égua que ia montar. (II, 28).*

Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito em virtude da lição.

3.2.6- **Oposição**. É indicada por termos que denotam oposição, disputa, hostilidade.

V + COM SN: (230-241)

233- Por que vinham bulir ***com*** *um homem que só queria descansar? (III, 46)*

O *com* antecedendo o verbo *bulir* indica antagonismo, rivalidade, hostilidade. *Bulir com um homem* é ser hostil a ele, é bulir contra ele.

3.2.6.1- SN + COM SN: (242-244).

242- [Fabiano] Ia lá puxar questão ***com*** *gente rica? (X, 8)*

Fabiano ia lá ser contrário a gente rica?

3.2.6.2- ADJETIVO + COM SN:

245- O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido ***com*** *o que não era da conta dele, como iria acabar? (II, 21)*

Se continuasse assim se opondo, interferindo, sendo contrário ao assunto que não era da conta dele, como iria acabar. O *com* encabeça o adjunto adverbial de assunto.

3.2.7 - **Mescla** – mistura de coisas diferentes.

ADJ + COM SN:

246- Fabiano tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha e rapaduras. Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado ***com*** *água, e a chita da amostra era cara de mais. (III, 1)*

Ocorre amálgama, mistura, união de coisas diferentes: querosene e água.

3.2.7.1- SN + ADJETIVO + COM SN + ADJ: (247, 248).

247- Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados ***com*** *anos ruins. (II, 39)*

3.2.7.2 – V + COM SN: (249-250)

250- Aqui as ideias de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se ***com*** *as arribações, que não se distinguiam da seca. (XII, 23)*

3.2.8- **Matéria** de que se faz algo.

SN + COM SN:

251 - [Fabiano] Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro ***com*** *palha de milho. (II, 6)*

Utilizou palha de milho como parte da matéria para fazer o cigarro.

3.2.9- **Composição –** aquilo que compõe alguma coisa, enfatizando-a.

ADJETIVO + COM SN: (252-254).

252- Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e ***com*** *ramagens, exatamente o que sinha Vitória desejava. (III, 38)*

3.2.10- **Condição**.

SN + COM SN:

255- Um friozinho agudo arrepiou-o (...) Como podia ter frio ***com*** *semelhante calor? (XIII, 22)*

A frase pode ser parafraseada por: como podia ter frio se fazia semelhante calor?

3.2.11- **Conteúdo**

V + COM SN: (256-260)

256- Ele [O menino mais velho] tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, ***com*** *espetos e fogueiras. Por isso rezingara, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se. (VI, 17)*

O conteúdo do lugar ruim é espetos e fogueira.

3.2.12- **Finalidade**

V + COM SN:

*261-Só lhe falavam **com** o fim de tirar-lhe qualquer coisa (VIII 14)*

Compõe a locução prepositiva de finalidade. Equivale à preposição *a*

3.3 **Superposição de circunstâncias.** V + COM SN:

*262- Seu Tomás fugira também, **com** a seca, a bolandeira estava parada. (I, 30)*

Superposição de *causa* e *tempo*. Há duas circunstâncias para cada fato: 1. seu Tomás fugira por causa da seca, e quando chegava a seca. 2. a bolandeira parava por causa da seca e quando chegava a seca. O fato de o adjunto circunstancial estar entre vírgulas colabora para estes sentidos, isto é, o mesmo sintagma aponta para uma situação de movimento – a fuga de seu Tomás – e uma situação estativa – a parada da bolandeira.

*263- Como não se entendessem, sinha Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, **com** jogo e cachaça. (IV, 8)*

Superposição de *causa* e *meio:* em virtude de jogo e cachaça, o marido gastou o dinheiro, e jogo e cachaça foram o meio pelo qual o marido gastara o dinheiro.

*264- Esfriava logo – e ela franzia a testa, espantada, certa de que o marido se satisfazia **com** a ideia de possuir uma cama. (IV, 35)*

O complemento relativo indica superposição de *causa* e *conteúdo*: o marido se satisfazia em virtude da ideia de possuir uma cama. E, *com a ideia de possuir uma cama* é o Conteúdo da satisfação do marido.

*265- [O menino mais novo] Viu as nuvens que se desmanchavam no céu azul, embirrou **com** elas. (V, 30)*

Superposição de *causa* e *oposição:* embirrou (ficou embirrado) em virtude de as nuvens se desmancharem no céu azul; e embirrou (insistiu, retrucou, brigou) contra elas para que ficassem.

266- Mas o coração grosso, como um cururu, enchia-se ***com*** *a lembrança da cadela. (XII, 23)*

Superposição de *meio* e *conteúdo*: o coração grosso enchia-se por meio da lembrança da cadela, e lembrança da cadela é o conteúdo que enche o coração grosso.

4 CONCLUSÃO

Nos casos de esvaziamento semântico, encontramos uma gradação, entre as preposições, de mais gramaticalizadas a menos gramaticalizadas

Em *confundir com,* a semântica do verbo propicia a regência de *com.* Temos 4 exemplos com a mesma tipologia, sendo 2 com antecedente modal "obrigatório". Há um alto grau de gramaticalização do *com*

Em *sonhar com,* no exemplo 1, a preposição assume o grau máximo de gramaticalização, fazendo parte de uma construção fixa. *Sonhar com* passa a ser um outro verbo diferente de *sonhar*. Este pode ser intransitivo ou transitivo direto, aquele só pode ser transitivo relativo.

Outra construção fixa de *com* é na expressão *com certeza* (exemplo 31). É um bloco idecomponível. Não equivale a *certamente,* porque, *com certeza* indica convicção e *certamente* indica possibilidade.

Em *entender-se com,* exemplo 12, o complemento relativo traz em si a ideia de companhia, apresentando baixo nível de gramaticalização.

Nos casos de *com* semanticamente relevantes, temos, para o semantismo de *com* indicando *modo*, 8 tipologias, cada qual com sua especificidade sintático-semântica, colaborando para a descrição imagética da cena.

Existe uma proximidade muito grande entre *meio*, *modo* e *instrumento.* A fim de operacionalizar essa identificação para o ensino escolar, dizemos que para indicar *meio*, pergunta-se *por meio de quê?* Para indicar *modo,* pergunta-se *como?* Para indica *instrumento* pergunta-se *com quê?* Mas esta operacionalização é apenas um meio, não um fim para identificar um e outro valor. O sentimento da língua, muitas vezes, nos deixam em dúvida, porque os semas que diferenciam tais valores semânticos estão quase nivelados.

Vejamos os seguintes exemplos:

194- A culpada era sinha Terta , que na véspera, depois de curar ***com*** *reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra esquisita, chiando, o canudo do cachimbo preso nas gengivas banguelas. (VI, 17)*

101- Baleia, sob o jirau, coçava-se ***com*** *os dentes e pegava moscas. (IV, 27)*

64- [Fabiano] Cavou a areia ***com*** *as unhas. (I, 27)*

Se utilizarmos o critério acima simplesmente, diremos que os três exemplos podem ser, indistintamente, meio, modo e instrumento – curou com quê? Com reza; curou como? Com reza; curou por meio de quê? De reza. Coçava-se com quê? Com os dentes; coçava-se como? Com os dentes; coça-se por meio de quê? Dos dentes. Cavou com quê? Com as unhas; cavou como? Com as unhas; cavou por meio de quê? Das unhas – mas, devemos mais que isto. Devemos evocar a informação contextual, situacional, enciclopédica, que nos levará a uma imagem mental entre significante e significado.

Assim, no primeiro exemplo, sabe-se que no interior do país utiliza-se reza como meio para curar alguns males. Portanto, o *com* indica meio.

No segundo, sabe-se que os cães se coçam basicamente de três modos: esfregando-se em alguma superfície; com as patas; e com os dentes. Em 'Baleia coçava-se *com* os dentes' a imagem de modo é nítida.

No terceiro, "vê-se" o modo como Fabiano estava, provavelmente ajoelhado, executando uma tarefa, a de cavar a areia e sabe-se que para uma pessoa cavar algo é necessário uma ferramenta, um instrumento. Fabiano utilizou as unhas como *instrumento* para cavar a areia

No item 3.2.7, dos três exemplos, no primeiro e no segundo (*...Mas o querosene de seu Inácio estava misturado* ***com*** *água...* e *... anos bons misturados* ***com*** *anos ruins.*) o adjetivo poderia ser retirado sem que houvesse alteração sintática, pois ficaria subentendido. Mas, explícito, realça o amálgama do termo antecedente com o termo consequente. Isso não ocorre com o terceiro exemplo (*...a cachorra misturou-se com as arribações...*). Parece-nos que o *com* precedido por forma verbal que indica mescla tende a se gramaticalizar.

Nos casos de superposição de circunstâncias, o grau de liberdade de escolha do enunciador alcança o máximo de relevância semântica porque dois semas encontram-se num mesmo nível.

REFERÊNCIAS

ALI, Manuel Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1931.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

_____ *Fundamentos de Gramática do Português*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

_____ *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.* São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____*Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BERLINCK, Rosane de Andrade. Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil. Comunicação ao II Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Florianópolis:[S.l], 1997. Inédito.

_____ Complementos preposicionados. Variação e mudança no português brasileiro. Conferência proferida no Congresso Internacional "500 anos da língua portuguesa no Brasil". Portugal: Universidade de Évora, 2000a. Inédito.

_____ Complementos preposicionados no português paulista do século XIX. [S.l: s.n.], 2000b. Inédito.

BORBA, Francisco da Silva. Sistemas de preposições em português. 1971 .230p. Tese (Livre docência)São Paulo: Universidade de São Paulo. (Tese de livre docência)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.

CÂMARA, Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Padão, 1976.

_____*Estrutura da Língua Portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Para uma análise multissistêmica das preposições. In: *História do Português Paulista.* Campinas: Editora da Unicamp, 2009. v.1, p. 279-331.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley**.** *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GUIRAUD, Pierre. *A Semântica.* Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

ILARI, Rodolfo et al. A Preposição. In: ILARI, R.; MOURA NEVES, M. H. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. V. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. v.2, p. 623-803.

LIMA, Mario Pereira de Souza. *Grammática expositiva da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

LÓPEZ, María Luiza. *Problemas y Métodos en el Análisis de Preposiciones*. Madrid: Gredos, 1970.

MACEDO, Walmirio. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

_____ *Elementos para uma Estrutura da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Presença, 1976.

MARTINET, André. *A Linguística Sincrônica.* Tradução de Lílian Arantes. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, [20--]. (Série Cadernos).

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. As raízes do dequeísmo. In: RODRIGUEZ ALFANO, Lidia (Org.). Actas del XIV Congreso de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina. Monterrey, México. v. 1. CD-ROM.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes Editores, 1992.

POTTIER, Bernard. Espacio y Tiempo en el Sistema de las Preposiciones. In: *Lingüística Moderna y Filología Hispânica.* Madrid: Gredos, 1960.

RIEGEL, Martin; PELLAT, Jean-Christophe; RIOUL, René. *Grammaire méthodique du français*. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2009. p. 642-643.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.

ROMERO, Nanci. Gramaticalização, lexicalização e semanticização de *com* e *sem*. In: CASTILHO A. T. (Org.). *História do Português Paulista.* Campinas: Editora da Unicamp, 2009. v.1, p. 518-558.

SILVEIRA, Sousa da**.** *Sintaxe da Preposição DE*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no objeto direto, *Letras & Letras,* Uberlândia v. 1, n. 1, p. 15-38.

APÊNDICE

Listagem de acordo com a tipologia gramatical

1- Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. [Fabiano] Montado, confundia-se **com** o cavalo. (II, 20)

2- Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira **com** outro. Não era senão isso.

3- [O menino mais novo] Julgou-a estúpida e egoísta, deixou-a, indignado, foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se **com** ela. (V, 6)

4 - Por que gritavam à cantoria gorgolejada e triste? Nunca vira um deles, confundia-os **com** habitantes invisíveis da serra e dos bancos de macambira. (VII, 26)

5- [Sinha Vitória] pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato ***com*** a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. (IV, 14)

6- Outra vez sinha Vitória pôs-se a sonhar **com** a cama de lastro de couro. (IV, 28)

7- O melhor é a gente acabar **com** isso. (X, 17)

8- Ainda na véspera eram seis viventes, contando **com** o papagaio. (I, 13)

9- Vivia longe dos homens, só se dava bem **com** animais. (II, 20)

10 26- Às vezes utilizava nas relações **com** as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. (II, 20)

11- [Fabiano] Necessitava falar **com** a mulher. (II, 26)

12- Agora [Fabiano] queria entender-se **com** sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. (II, 29)

13- Depois da comida, falaria **com** sinha Vitória a respeito da educação dos meninos. (II, 48)

14- Debaixo do jatobá do quadro taramelou **com** sinha Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. (III, 18)

15- Atrapalhava-se: tinha imaginação fraca e não sabia mentir. Nas invenções **com** que pretendia justificar-se a figura de sinha Rita aparecia sempre, e isto o desgostava. (III, 18)

16- Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar **com** bichos. (III, 58)

17- Fabiano a princípio concordava **com** ela mastigara cálculos, tudo errado. (IV, 8)

18- Não se conformando **com** semelhante indiferença depois da façanha do pai, o menino foi acordar Baleia, que preguiçava, a barriguinha vermelha descoberta, sem-vergonha. (V, 5)

19- [O menino mais novo] Arredou-se, fez tenção de entender-se **com** alguém, mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17)

20- Deu-se aquilo porque sinha Vitória não conversou um instante **com** o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. (VI, 1)

21- [Fabiano] Parou agoniado, suando frio, [com] a boca cheia de água, sem atinar **com** a palavra. Cambada de quê? Tinha o nome debaixo da língua. (VIII, 26)

22- [Fabiano] Transigindo **com** outro , não seria roubado tão descaradamente. (X, 2)

23- Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia **com** a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. (X, 19)

24- Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem **com** semelhantes porcarias. (X, 23)

25- Da última vez que fizera contas **com** o amo o prejuízo parecia menor. (X, 24)

26- Deteve-se percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara **com** o soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia. (XI, 5)

27- Fabiano concordava **com** ela, embora aquilo fosse um sonho. (XII, 20)

28- [Fabiano]...viu que tudo estava perdido, combinou a viagem **com** a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. (XIII, 2)

29- Sinha Vitória (...) Reanimou-se, tentou libertar-se dos pensamentos tristes e conversar **com** o marido por monossílabos. (XIII, 13)

30- Sinha Vitória (...) Falou no passado, confundiu-o **com** o futuro. (XIII, 13)

31- [Fabiano] Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, **com** certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. (II, 8)

32- Fabiano encalacrou-se também. Sinha Vitória ia danar-se, e **com** razão. (III, 13)

33- A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. **Com** certeza haviam fechado a porta da frente. (III, 38)

34- Sinha Vitória, inquieta, **com** certeza fora muitas vezes escutar na porta da frente. (III, 51)

35- [O menino mais novo] Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo. **Com** certeza Fabiano e sinha Vitória iam castigá-lo por causa do acidente. (V, 34)

36- Agora [O menino mais velho] tinha tido a ideia de aprender uma palavra, **com** certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. (VI, 21)

37- [O menino mais velho] Tentou contar as vozes, atrapalhou-se. Eram muitas, **com** certeza havia uma infinidade de sapos nas moitas e nos capões. Que estariam fazendo? (VII, 26)

38- Como podia haver tantas casas e tanta gente? **Com** certeza os homens iriam brigar. (VIII, 10)

39- [Fabiano] Fora roubado, **com** certeza fora roubado. (VIII, 18)

40- Sim, **com** certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. (VIII, 32)

41- [Baleia] Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, **com** certeza o sol desaparecera. (IX, 31)

42- **Com** certeza havia um erro no papel do branco. (X, 6)

43- Espiava o chão como de costume, decifrando rastos. Conheceu os da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos. A égua ruça, **com** certeza. (XI, 2)

44- **Com** certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. (XIII, 16)

45- Teria sido melhor a repetição das palavras. Altercaria **com** o irmão procurando interpretá-las. (VII, 26)

46- Sinha Vitória devia retirar os carvões e a cinza, varrer o chão, deitar-se na cama de varas **com** Fabiano. (VII, 28)

47- Provavelmente os meninos estavam **com** ela [sinha Vitória]. (VIII, 13)

48- (...) e os que não tinham negócio **com** ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. (VIII, 14)

49- [Fabiano] Queria que o deixassem **com** a mulher, os filhos e a cachorrinha. (VIII, 26)

50- As crianças se espojariam **com** ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (IX, 40)

51- (...) a campina se estendia, seca e dura. Lembrou-se da marcha penosa que fizera através dela, **com** a família, todos esmolambados e famintos. (X, 20)

52- [Fabiano]...viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se **com** a família, sem se despedir do amo. (XIII, 2)

53- **Com** a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio. (XIII, 4)

54- (...) um animal tão bom. Se tivesse vindo **com** eles, transportaria a bagagem. (XIII, 24)

55- Chegariam lá antes da noite, beberiam, descansariam, continuariam a viagem **com** o luar. (XIII, 31)

56- (...) sinhá Vitória se escondera na camarinha **com** os filhos. (VII, 8)

57- Pobre do papagaio. Viajar **com** ela, na gaiola que balançava em cima do baú da folha. (IV, 21)

58- As crianças se espojariam com ela, rolariam **com** ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (IX, 40)

59- Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, **com** a família morrendo de fome, comendo raízes. (II, 2)

60- [Fabiano] Dormiria **com** a mulher, sossegado, na cama de varas. (XI, 23)

61- Estivera metido no barreiro **com** o irmão, fazendo bichos de barro, lambuzando-se. (VI, 17)

62- Não obtendo resultado, fustigou-o **com** a bainha da faca de ponta. (I, 5)

63- Sinha Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os **com** molambos. (I, 17)

64- [Fabiano] Cavou a areia **com** as unhas. (I, 27)

65- [Fabiano**]** Pôs a cuia no chão, escorou-a **com** pedras, matou a sede da família. (I, 32)

66- ...o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato **com** as mãos. (II, 2)

67- [Fabiano] Deu estalos **com** os dedos. (II, 8)

68- A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos **com** as alpercatas – ela se avizinhando a galope, com vontade de matá-lo. (II, 39)

69- O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe **com** as costas da mão. (III, 65)

70- Sinha Vitória limpou as lágrimas **com** as costas das mãos. (IV, 1)

71- [Sinha Vitória] Agachou-se, atiçou o fogo, apanhou uma brasa **com** a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. (IV, 14)

72- Não é que ia deixando a comida esturrar? Pôs água nela e remexeu-a **com** a quenga preta de coco. (IV, 18)

73- [O menino mais novo] viu um bando de periquitos que voavam sobre as catingueiras. Desejou possuir um deles, amarrá-lo **com** uma embira, dar-lhe comida. (V, 25)

74- Fabiano tomou medida da alpercata: deu um traço **com** a ponta da faca atrás do calcanhar, outro adiante do dedo grande. Riscou em seguida a forma do calçado. (VI, 4)

75- [O menino mais velho] Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava **com** a bainha da faca de ponta. (VI, 19)

76- [O menino mais velho] Entristeceu. Talvez sinha Vitória dissesse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas **com** bainha de faca. (VI, 30)

77- Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições **com** a ponta da alpercata. As brasas estalaram, a cinza caiu, um círculo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedras. (VII, 3)

78- [Sinhá Vitória] Remexeu as brasas **com** o cabo da quenga de coco. (VII, 8)

79- [Sinha Vitória] Suspirava atiçando o fogo **com** o cabo da quenga de coco. (VII, 12)

80- As varas estavam bem amarradas **com** cipós nos esteios de aroeira. (VII, 17)

81- Varrido o chão **com** vassourinha, [sinha Vitória] escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das cabras molhadas. (VII, 28)

82- [Fabiano] Soprava e esforçava-se inutilmente por abanar-se **com** o chapéu. (VIII, 13)

83- O patrão realizava **com** pena e tinta cálculos incompreensíveis. (VIII, 14)

84- Sinha Vitória levantou o braço num gesto mole e indicou vagamente dois pontos cardeais **com** o canudo do cachimbo. (VIII, 30)

85- Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que o tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés **com** enormes reiunas e ameaçavam-no com facões terríveis. (VIII, 35)

86- Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que o tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés com enormes reiunas e ameaçavam-no **com** facões terríveis. (VIII, 35)

87- Então Fabiano resolveu matá-la . Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a **com** saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito. (IX, 3)

88- Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas **com** os dedos. (IX, 15)

89- Sinha Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria **com** um molho de vassourinha o chão queimado. (IX, 37)

90- Tirou do bolso o rolo de fumo, preparou um cigarro **com** a faca de ponta. (X, 31)

91- Fabiano pregou nele os olhos ensanguentados, meteu o facão na bainha. Podia matá-lo **com** as unhas. (XI, 9)

92- [Fabiano] bateu **com** o fuzil na pedra. (XII, 2)

93- [Fabiano] Devia ter furado o pescoço do amarelo **com** faca de ponta, devagar. (XII, 12)

94- Sinha Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente **com** a taramela. (XIII, 3)

95- A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam **com** os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. (XIII, 24)

96- **[**Fabiano**]**Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, **com** sede. (I, 31)

97- Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava **com** paciência a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir.(I, 38)

98- Fabiano atentou na farda **com** respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira. (III, 8)

99- O outro continuou a pisar **com** força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. (III, 27)

100- [Fabiano] Cuspiu, **com** desprezo. (III, 36)

101- Baleia, sob o jirau, coçava-se **com** os dentes e pegava moscas. (IV, 27)

102- [O menino mais novo] Mergulhou no pelame fofo, escorregou, tentou em vão segurar-se **com** os calcanhares, foi atirado para a frente, voltou, achou-se montado na garupa do animal. (V, 29)

103- [O menino mais novo] Olhou **com** raiva o irmão e a cachorra. Deviam tê-lo prevenido. Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade. (V, 32)

104- [O menino mais novo] Ergueu-se, arrastou-se **com** desânimo até a cerca do bebedouro, encostou-se a ela, o rosto virado para a água barrenta, o coração esmorecido. (V, 33)

105- Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. Afagou-a **com** o dedos magros e sujos. (VI, 15)

106- Abraçou a cachorrinha **com** uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se. (VI, 33)

107- Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, **com** repetições e incongruências. (VII, 3)

108- Mas **com** a gravata e o colarinho machucados no bolso, o paletó no ombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela [a Baleia] e acolheu-a. (VIII, 4)

109- **Com** raiva excessiva, a que se misturava alguma esperança, [Fabiano] deu uma patada violenta no chão. (VIII, 6)

110- [Fabiano] Não poderia assistir à novena calçado **com** alpercatas, [com] a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. (VIII, 13)

111- [Fabiano] Pôs-se a cuspir. Serenou, respirou **com** força, passou os dedos por um fio de baba que lhe pendia do beiço. (VIII, 28)

112- [Fabiano] Agora estava pesado e **com** sono. (VIII, 28)

113- [Sinha Vitória] Apertou-se e observou os quatro cantos **com** desespero, que a precisão era grande. Escapuliu-se disfarçadamente. (VIII, 29)

114- [Sinha Vitória] Livre da necessidade, viu **com** interesse o formigueiro que circulava na praça, a mesa do leilão, as listas luminosas dos foguetes. (VIII, 29)

115- De repente Baleia apareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos, manifestando **com** a língua e com o rabo um vivo contentamento. (VIII, 31)

116- De repente Baleia apareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos, manifestando com a língua e **com** o rabo um vivo contentamento. (VIII, 31)

117- O menino mais novo interrogou-o **com** os olhos. (VIII, 32)

118- Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugá-los, resmungando **com** energia. (IX, 8)

119- [Baleia] andou como gente, em dois pés, arrastando **com** dificuldade a parte posterior do corpo. (IX, 21)

120 - O branco se levantara furioso, **com** quatro pedras na mão. (X, 12)

121- Mas o cobrador da prefeitura chegara **com** o recibo e atrapalhara-o. ((X, 14)

122- Nascera **com** esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (X, 23)

123- Que iam ganhar **com** semelhante procedimento? (X, 24)

124- O amarelo devia saber isso. Não sabia. Saíra-se **com** quatro pedras na mão, apitara. (XI, 14)

125- Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, **com** desespero. (XII, 12)

126- [Fabiano] Como gesticulava **com** furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e sentiu sede. (XII, 14)

127- [Fabiano] olhava **com** desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. (XII, 16)

128- [Fabiano] Mexeu-se **com** violência, carregou a espingarda furiosamente. (XII, 18)

129- [Fabiano] Chegou-se a casa, **com** medo. (XII, 25)

130- Fabiano repetiu **com** entusiasmo o elogio. (XIII, 16)

131- O menino mais velho esbrugava um osso **com** apetite. (XIII, 22)

132- Ia morrer o amigo, lazarento e **com** esparavões, num canto de cerca. (XIII, 24)

133– Arrastaram- se para lá, devagar, sinha Vitória **com** o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça. (I, 2)

134- [Fabiano] Pisou **com** firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. (II, 6)

135- [Seu Tomás] Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas **com** o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. (II, 36)

136- O cobrador da prefeitura passou coxeando, **com** os talões de recibos debaixo do braço. (III, 19)

137- Sinha Vitória, **com** o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça. (VI, 19)

138- A cachorra Baleia, **com** o traseiro no chão e o resto do corpo levantando, olhava as brasas que se cobriam de cinza. (VII, 1)

139- [Fabiano] Tinha vencido a obstinação de uma daquelas amaldiçoadas botinas; a outra emperrava e ele, **com** os dedos nas alças, fazia esforços inúteis. (VIII, 6)

140- Esqueceu-se e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, **com** um objeto esquisito na mão. (IX, 29)

141- (...) haviam caminhado léguas quase sem sentir. De repente veio a fraqueza. Devia ser fome. Fabiano (...) Estava realmente **com** um buraco no estômago. (XIII, 21)

142- Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, **com** os pés apalhetados, numa atitude ridícula. (I, 13)

143- Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se **com** a consciência tranquila e marchou para casa. (II, 2)

144- [Fabiano] Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria **com** a cabeça levantada, seria homem. (II, 40)

145- Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e **com** sentimentos revolucionários. (IV, 5)

146- Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, **com** as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos. (IV, 32)

147- [Fabiano] puxou para os olhos o chapéu de baeta. E adormeceu, **com** o estômago embrulhado. (VIII, 28)

148- (...) Aquilo durou um segundo. Menos: durou uma fração de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, **com** o quengo rachado. (XI, 5)

149- Virou o rosto defronte das pedras do fim do pátio, onde Baleia aparecera fria, inteiriçada, **com** os olhos comidos pelos urubus. (XII, 7)

150- [Fabiano] Olhou em torno, **com** receio de que, fora os meninos. (II, 9)

151- A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas – ela se avizinhando a galope, **com** vontade de matá-lo. (II, 39)

152- Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se **com** força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40)

153- Para ela [Baleia] os pontapés eram fatos desagradáveis e necessários. Só tinha um meio de evitá-los, a fuga. Mas às vezes apanhavam-na de surpresa, uma extremidade de alpercata batia-lhe no traseiro – saía latindo, ia esconder-se no mato, **com** desejo de morder canelas. (VI, 24)

154- A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava **com** vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio. (VII, 11)

155- Seria que ele [o rio] estava **com** intenção de progredir? O abano zumbia, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos juazeiros. (VII, 19)

156- Sentando no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, **com** aquele jeito de bicho lerdo que não se aguenta em dois pés. (VII, 25)

157- Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por Sinha Terta, **com** chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço. (VIII, 2)

158- Sinha Vitória caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, **com** o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. (VIII, 8)

159- Impossível dizer por que Sinha Vitória levava o guarda-chuva **com** biqueira para cima e o castão para baixo. (VIII, 8)

160- [Fabiano] Coçou-se, puxou o lenço, desatou-o, contou o dinheiro, **com** a tentação de arriscá-lo no bozó. (VIII, 18)

161- Lançava o desafio numa fala atrapalhada, **com** o vago receio de ser ouvido. (VIII, 24)

162- [Sinha Vitória] Pensou **com** um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. (VIII, 29)

163- Fabiano imaginara que ela estivesse **com** um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. (IX, 2)

164- Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, **com** vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade. (IX, 27)

165- Levantou-se, foi até a porta de uma bodega, **com** vontade de beber cachaça. (X, 28)

166- Um perigo entrar na bodega. Estava **com** desejo de beber um quarteirão de cachaça. (X, 29)

167- Fabiano (...) Procurou distinguir qualquer coisa diferente da vermelhidão que todos os dias espiava, **com** o coração aos baques. (XIII, 6)

168- [Sinha Vitória] Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro **com** o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. (II, 29)

169- [Sinha Vitória] Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando **com** o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. (II, 29)

170- Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas **com** tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. (III, 13)

171- [O menino mais novo] Aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio **com** as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera. (V, 13)

172- Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido **com** um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (X, 23)

173- Fabiano (...) imaginou que ela não se realizaria se ele não a provocasse **com** ideias ruins. (XII, 11)

174- Sinha Vitória, **com** uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. (XIII, 20)

175- Assim ele ficaria **com** a carga aliviada e o pequeno teria um guarda-sol. (XIII, 31)

176- [Fabiano] Estava **com** a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada de cabo de facão. (III, 63)

177- [Sinha Vitória] continuou a soprar **com** vontade, enchendo muito as bochechas. (IV, 1)

178- Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, **com** os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. (VIII, 14)

179- O menino foi à sala interrogar o pai, encontrou-o sentado no chão, **com** as pernas abertas, desenrolando um meio de sola. (VI, 2)

180- Sinha Vitória estirou o beiço indicando vagamente uma direção e afirmou **com** alguns sons guturais que estavam perto. (I, 10)

181- Fabiano seguiu-a **com** a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. (I, 21)

182- Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu **com** resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. (I, 25)

183- Fabiano pisou **com** segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares. (I, 25)

184- Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua **com** que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. (II, 20)

185- Felizmente a novilha estava curada **com** reza. (II, 25)

186- E não levava o querosene, ia-se alumiar durante a semana **com** pedaços de facheiro. (III, 20)

187- Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. **Com** uma pancada certa do chapéu de couro, aquele tico de gente ia ao barro.(III, 20)

188- Ora, o soldado amarelo... Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia **com** um tabefe. (III, 36)

189- Aprovou **com** um movimento de cauda aquele fenômeno e desejou expressar a sua admiração à dona. (IV, 3)

190 - Ouviam-se distintamente os roncos de Fabiano, compassados, e o ritmo deles influiu nas ideias de sinha Vitória. Fabiano roncava **com** segurança. (IV, 27)

191- O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia **com** o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. (VI, 14)

192- O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, **com** a língua, com movimentos fáceis de entender. (VI, 14)

193- O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, **com** movimentos fáceis de entender. (VI, 14)

194- A culpada era sinha Terta , que na véspera, depois de curar **com** reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra esquisita, chiando, o canudo do cachimbo preso nas gengivas banguelas. (VI, 17)

195- [O menino mais velho] Animara-se a interrogar sinha Vitória porque ela estava bem-disposta. Explicou isto à cachorrinha **com** abundância de gritos e gestos. (VI, 23)

196- [O menino mais velho] Levantou-se, foi a um canto da cozinha, trouxe de lá uma braçada de lenha, Sinha Vitória aprovou este ato **com** um rugido. (VII, 4)

197- Sinha Vitória moveu o abano **com** força para não ouvir o barulho do rio, que se aproximava. (VII, 19)

198- Fabiano contava façanhas. Começara moderadamente, mas excitara-se pouco a pouco e agora via os acontecimentos **com** exagero e otimismo. (VII, 20)

199- Ele [Fabiano] se desviara, **com** bons modos. (VIII, 17)

200- [Fabiano] Foi beber cachaça numa tolda, voltou, pôs-se a rondar indeciso, pedindo **com** os olhos a opinião da mulher. (VIII, 18)

201– [Fabiano] Procurou **com** as mãos a mulher e os filhos, certificou-se de que eles estavam acomodados. (VIII, 27)

202- [Fabiano] Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas **com** rezas, consertar cercas de inverno a verão. (X, 23)

203- Amarrotou-o **com** força, empurrou-o no bolso raso da calça, meteu na casa estreita o botão de osso. (X, 27)

204- A certeza do perigo surgira – e ele estava indeciso, de olho arregalado, respirando **com** dificuldade. (XI, 6)

205- Fabiano (...) ordenou a marcha **com** uma interjeição áspera. (XIII, 11)

206- Sinha Vitória procurou **com** a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os peitos, mas, com o movimento que fez, o baú da folha pintada ia caindo. (XIII, 13)

207- Viera a trovoada. E, **com** ela, o fazendeiro, que o expulsara. (II, 14)

208- Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. A mulher se incharia **com** a notícia. (III, 18)

209- Ele [Fabiano] também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Ma irou-se **com** a comparação, deu marradas na parede. (III, 57)

210- Sinha Vitória ofendera-se gravemente **com** a comparação. (IV, 8)

211- Para que fazer vergonha à gente? Arreliava-se **com** a comparação. (IV, 20)

212- [Fabiano] Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse **com** ela. (VIII, 13)

213- [Fabiano] Iria esfriando **com** a idade? (XI, 18)

214- Sinha Vitória procurou com a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os peitos, mas, **com** o movimento que fez, o baú da folha pintada ia caindo. (XIII, 13)

215- As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as; os chocalhos batiam. Iriam engordar **com** o pasto novo, dar crias. (VII, 23)

216 - Fabiano zangou-se **com** a impertinência deles e quis puni-los. (VII, 24)

217- Os pequenos insistiram. Onde estaria a cachorrinha ? Indiferentes à igreja, às lanternas de papel, aos bazares, às mesas de jogo e aos foguetes, só se importavam **com** as pernas dos transeuntes. (VIII, 30)

218- O suor umedeceu-lhe as mãos duras. Então? Suando **com** medo de uma peste que se escondia tremendo? (XI, 19)

219- O vaqueiro ensombrava-se **com** a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. (XIII, 14)

220- Sinha Vitória devia estar desassossegada **com** a demora dele. (III, 38)

221- Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, **com** medo dele. (VIII, 24)

222 - Os meninos trocavam impressões cochichando, aflitos **com** o desaparecimento da cachorra. (VIII, 30)

223- Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado **com** a esperteza de sinha Vitória. (XII, 6)

224- Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito **com** a lição, pensando na égua que ia montar. (II, 28)

225- Fabiano estremeceu. Chegaria à fazenda noite fechada. Entretido **com** o diabo do jogo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. (III, 20)

226- Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado **com** semelhante despropósito? (III, 39)

227- O menino saiu indignado **com** a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, à beira da lagoa vazia. (VI, 11)

228- [Fabiano] Estava era tonto, **com** uma zoada infeliz nos ouvidos. Achava ao mesmo tempo que havia cometido uma falta. (VIII, 28)

229- A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido **com** esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral. (IX, 18)

230- Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar **com** ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40)

231- Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar **com** ela e vencê-la. (II, 40)

232- O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira **com** os matutos e provocava-os depois. (III, 43)

233- Por que vinham bulir **com** um homem que só queria descansar? (III, 46)

234- Deviam bulir **com** outros. (III, 46)

235- [O menino mais velho] Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir **com** sinha Vitória. (VI, 23)

236- Fabiano retirou-se, lembrando-se do jogo que tivera em casa de Seu Inácio, **com** o soldado amarelo. (VIII, 18)

237 - Se topasse o soldado amarelo, esbodegava-se **com** ele. (VIII, 20)

238- [Fabiano] Se não estivesse tão ansiado, arrotando, suando, brigaria **com** eles. (VIII, 26)

239- _ Vão bulir **com** a Baleia? (IX, 5)

240- Estava certo? Bulir **com** as pessoas que não fazem mal a ninguém. (XI, 9)

241- [Fabiano]Recordou-se de lutas antigas, em danças **com** fêmea e cachaça. (XI, 18)

242 - [Fabiano] Ia lá puxar questão **com** gente rica? (X, 8)

243- Deus o livrasse de história **com** o governo. (X, 14)

244- Como andariam as contas **com** o patrão? (XII, 11)

245- O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido **com** o que não era da conta dele, como iria acabar? (II, 21)

246- Fabiano tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha e rapaduras. Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado **com** água, e a chita da amostra era cara de mais. (III, 1)

247- Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados **com** anos ruins. (II, 39)

248- O cheiro dele era bom, mas estava misturado **com** emanações que vinham da cozinha. (VI, 34)

249- Ao escurecer a serra misturava-se **com** o céu e as estrelas andavam em cima dela. (VI, 27)

250- Aqui as ideias de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se **com** as arribações, que não se distinguiam da seca. (XII, 23)

251- [Fabiano] Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro **com** palha de milho. (II, 6)

252- Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e **com** ramagens, exatamente o que sinha Vitória desejava. (III, 38)

253- E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas **com** remendos vermelhos. (II, 33)

254- [O menino mais novo] Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro **com** barbicacho. (V, 37)

255- Um friozinho agudo arrepiou-o (...) Como podia ter frio **com** semelhante calor? (XIII, 22)

256- Ele [O menino mais velho] tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, **com** espetos e fogueiras. Por isso rezingara, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se. (VI, 17)

257- Havia ali um osso. Um osso graúdo, cheio de tutano e **com** alguma carne. (VI, 34)

258- Na cama de varas, havia um pau **com** um nó, bem no meio. (X, 30)

259- Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda **com** chumbo miúdo. (XII, 10)

260- Tenho comido toicinho **com** mais cabelo, declarou Fabiano desafiando o céu, os espinhos e os urubus. (XIII, 32)

261- Só lhe falavam **com** o fim de tirar-lhe qualquer coisa. (VIII, 14)

262- Seu Tomás fugira também, **com** a seca, a bolandeira estava parada. (I, 30)

263- Como não se entendessem, sinha Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, **com** jogo e cachaça. (IV, 8)

264- Esfriava logo – e ela franzia a testa, espantada, certa de que o marido se satisfazia **com** a ideia de possuir uma cama. (IV, 35)

265- [O menino mais novo] Viu as nuvens que se desmanchavam no céu azul, embirrou **com** elas. (V, 30)

266- Mas o coração grosso, como um cururu, enchia-se **com** a lembrança da cadela. (XII, 23)

Listagem conforme o texto *vidas secas*

1 – Arrastaram- se para lá, devagar, sinha Vitória **com** o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça. (I, 2)

2- Não obtendo resultado, fustigou-o **com** a bainha da faca de ponta. (I, 5)

3- Sinha Vitória estirou o beiço indicando vagamente uma direção e afirmou **com** alguns sons guturais que estavam perto. (I, 10)

4- Ainda na véspera eram seis viventes, contando **com** o papagaio. (I, 13)

5- Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, **com** os pés apalhetados, numa atitude ridícula. (I, 13)

6- Sinha Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os **com** molambos. (I, 17)

7- Fabiano seguiu-a **com** a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. (I, 21)

8- Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu **com** resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. (I, 25)

9- Fabiano pisou **com** segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares. (I, 25)

10- [Fabiano] Cavou a areia **com** as unhas. (I, 27)

11- Seu Tomás fugira também, **com** a seca, a bolandeira estava parada. (I, 30)

12- **[**Fabiano**]**Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, **com** sede. (I, 31)

13- [Fabiano**]** Pôs a cuia no chão, escorou-a **com** pedras, matou a sede da família. (I, 32)

14- Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava **com** paciência a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir.(I, 38)

15- Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se **com** a consciência tranquila e marchou para casa. (II, 2)

Situação estativa. Modo/ maneira: levantou-se daquela maneira (**com** a consciência tranquila).

16- ...o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato **com** as mãos. (II, 2)

17- Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, **com** a família morrendo de fome, comendo raízes. (II, 2)

18- [Fabiano] Pisou **com** firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. (II, 6)

19 - [Fabiano] Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro **com** palha de milho. (II, 6)

20- [Fabiano] Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, **com** certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. (II, 8)

21- [Fabiano] Olhou em torno, **com** receio de que, fora os meninos. (II, 9)

22- Viera a trovoada. E, **com** ela, o fazendeiro, que o expulsara. (II, 14)

23- [Fabiano] Deu estalos **com** os dedos. (II, 8)

24- Vivia longe dos homens, só se dava bem **com** animais. (II, 20)

25 - Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. [Fabiano] Montado, confundia-se **com** o cavalo. (II, 20)

26- Às vezes utilizava nas relações **com** as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. (II, 20)

27- Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua **com** que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. (II, 20)

28- O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido **com** o que não era da conta dele, como iria acabar? (II, 21)

29- Felizmente a novilha estava curada **com** reza. (II, 25)

30- [Fabiano] Necessitava falar **com** a mulher. (II, 26)

31- Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito **com** a lição, pensando na égua que ia montar. (II, 28)

32- Agora [Fabiano] queria entender-se **com** sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. (II, 29)

33- [Sinha Vitória] Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro **com** o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. (II, 29)

34- [Sinha Vitória] Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando **com** o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. (II, 29)

35- E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas **com** remendos vermelhos. (II, 33)

36- [Seu Tomás] Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas **com** o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. (II, 36)

37- Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados **com** anos ruins. (II, 39)

38- A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos **com** as alpercatas – ela se avizinhando a galope, com vontade de matá-lo. (II, 39)

39- A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas – ela se avizinhando a galope, **com** vontade de matá-lo. (II, 39)

40- Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar **com** ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40)

41- Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se **com** força para brigar com ela e vencê-la. (II, 40)

42- Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar **com** ela e vencê-la. (II, 40)

43- [Fabiano] Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria **com** a cabeça levantada, seria homem. (II, 40)

44- Depois da comida, falaria **com** sinha Vitória a respeito da educação dos meninos. (II, 48)

45- Fabiano tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha e rapaduras. Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado **com** água, e a chita da amostra era cara de mais. (III, 1)

46- Fabiano atentou na farda **com** respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira. (III, 8)

47- Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas **com** tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. (III, 13)

48- Fabiano encalacrou-se também. Sinha Vitória ia danar-se, e **com** razão. (III, 13)

49- Debaixo do jatobá do quadro taramelou **com** sinha Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. (III, 18)

50- Atrapalhava-se: tinha imaginação fraca e não sabia mentir. Nas invenções **com** que pretendia justificar-se a figura de sinha Rita aparecia sempre, e isto o desgostava. (III, 18)

51- Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. A mulher se incharia **com** a notícia. (III, 18)

52- O cobrador da prefeitura passou coxeando, **com** os talões de recibos debaixo do braço. (III, 19)

53- Fabiano estremeceu. Chegaria à fazenda noite fechada. Entretido **com** o diabo do jogo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. (III, 20)

54- E não levava o querosene, ia-se alumiar durante a semana **com** pedaços de facheiro. (III, 20)

55- Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. **Com** uma pancada certa do chapéu de couro, aquele tico de gente ia ao barro.(III, 20)

56- O outro continuou a pisar **com** força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. (III, 27)

57- Ora, o soldado amarelo... Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia **com** um tabefe. (III, 36)

58- [Fabiano] Cuspiu, **com** desprezo. (III, 36)

59- Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e **com** ramagens, exatamente o que sinha Vitória desejava. (III, 38)

60- Sinha Vitória devia estar desassossegada **com** a demora dele. (III, 38)

61- A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. **Com** certeza haviam fechado a porta da frente. (III, 38)

62- Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado **com** semelhante despropósito? (III, 39)

63- Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira **com** outro. Não era senão isso.

64- O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira **com** os matutos e provocava-os depois. (III, 43)

65- Por que vinham bulir **com** um homem que só queria descansar? (III, 46)

66- Deviam bulir **com** outros. (III, 46)

67- Sinha Vitória, inquieta, **com** certeza fora muitas vezes escutar na porta da frente. (III, 51)

68- Ele [Fabiano] também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Ma irou-se **com** a comparação, deu marradas na parede. (III, 57)

69- Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar **com** bichos. (III, 58)

70- [Fabiano] Estava **com** a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada de cabo de facão. (III, 63)

71- O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe **com** as costas da mão. (III, 65)

72- Sinha Vitória limpou as lágrimas **com** as costas das mãos. (IV, 1)

73- [Sinha Vitória] continuou a soprar **com** vontade, enchendo muito as bochechas. (IV, 1)

74- Aprovou **com** um movimento de cauda aquele fenômeno e desejou expressar a sua admiração à dona. (IV, 3)

75- Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e **com** sentimentos revolucionários. (IV, 5)

76- Fabiano a princípio concordava **com** ela mastigara cálculos, tudo errado. (IV, 8)

77- Como não se entendessem, sinha Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, **com** jogo e cachaça. (IV, 8)

78 - Sinha Vitória ofendera-se gravemente **com** a comparação. (IV, 8)

79- [Sinha Vitória] Agachou-se, atiçou o fogo, apanhou uma brasa **com** a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. (IV, 14)

80- [Sinha Vitória] pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato ***com*** a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. (IV, 14)

81- Não é que ia deixando a comida esturrar? Pôs água nela e remexeu-a **com** a quenga preta de coco. (IV, 18)

82- Para que fazer vergonha à gente? Arreliava-se **com** a comparação. (IV, 20)

83- Pobre do papagaio. Viajar **com** ela, na gaiola que balançava em cima do baú da folha. (IV, 21)

84- Baleia, sob o jirau, coçava-se **com** os dentes e pegava moscas. (IV, 27)

85 - Ouviam-se distintamente os roncos de Fabiano, compassados, e o ritmo deles influiu nas ideias de sinha Vitória. Fabiano roncava **com** segurança. (IV, 27)

86- Outra vez sinha Vitória pôs-se a sonhar **com** a cama de lastro de couro. (IV, 28)

87- Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, **com** as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos. (IV, 32)

88- Esfriava logo – e ela franzia a testa, espantada, certa de que o marido se satisfazia **com** a ideia de possuir uma cama. (IV, 35)

89- Não se conformando **com** semelhante indiferença depois da façanha do pai, o menino foi acordar Baleia, que preguiçava, a barriguinha vermelha descoberta, sem-vergonha. (V, 5)

90- [O menino mais novo] Julgou-a estúpida e egoísta, deixou-a, indignado, foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se **com** ela. (V, 6)

91- [O menino mais novo] Aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio **com** as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera. (V, 13)

92- [O menino mais novo] Arredou-se, fez tenção de entender-se **com** alguém, mas ignorava o que pretendia dizer. (V, 17)

93- [O menino mais novo] viu um bando de periquitos que voavam sobre as catingueiras. Desejou possuir um deles, amarrá-lo **com** uma embira, dar-lhe comida. (V, 25)

94- [O menino mais novo] Mergulhou no pelame fofo, escorregou, tentou em vão segurar-se **com** os calcanhares, foi atirado para a frente, voltou, achou-se montado na garupa do animal. (V, 29)

95- [O menino mais novo] Viu as nuvens que se desmanchavam no céu azul, embirrou **com** elas. (V, 30)

96- [O menino mais novo] Olhou **com** raiva o irmão e a cachorra. Deviam tê-lo prevenido. Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade. (V, 32)

97- [O menino mais novo] Ergueu-se, arrastou-se **com** desânimo até a cerca do bebedouro, encostou-se a ela, o rosto virado para a água barrenta, o coração esmorecido. (V, 33)

98- [O menino mais novo] Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo. **Com** certeza Fabiano e sinha Vitória iam castigá-lo por causa do acidente. (V, 34)

99- [O menino mais novo] Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro **com** barbicacho. (V, 37)

100- Deu-se aquilo porque sinha Vitória não conversou um instante **com** o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. (VI, 1)

101- O menino foi à sala interrogar o pai, encontrou-o sentado no chão, **com** as pernas abertas, desenrolando um meio de sola. (VI, 2)

102- Fabiano tomou medida da alpercata: deu um traço **com** a ponta da faca atrás do calcanhar, outro adiante do dedo grande. Riscou em seguida a forma do calçado. (VI, 4)

103- O menino saiu indignado **com** a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, à beira da lagoa vazia. (VI, 11)

104- O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia **com** o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. (VI, 14)

105- O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, **com** a língua, com movimentos fáceis de entender. (VI, 14)

106- O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que

morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, **com** movimentos fáceis de entender. (VI, 14)

107- Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. Afagou-a **com** o dedos magros e sujos. (VI, 15)

108- Estivera metido no barreiro **com** o irmão, fazendo bichos de barro, lambuzando-se. (VI, 17)

109- A culpada era sinha Terta , que na véspera, depois de curar **com** reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra esquisita, chiando, o canudo do cachimbo preso nas gengivas banguelas. (VI, 17)

110- Ele [O menino mais velho] tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, **com** espetos e fogueiras. Por isso rezingara, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se. (VI, 17)

111- Sinha Vitória, **com** o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça. (VI, 19)

112 - [O menino mais velho] Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava **com** a bainha da faca de ponta. (VI, 19)

113- Agora [O menino mais velho] tinha tido a ideia de aprender uma palavra, **com** certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. (VI, 21)

114- [O menino mais velho] Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir **com** sinha Vitória. (VI, 23)

115- [O menino mais velho] Animara-se a interrogar sinha Vitória porque ela estava bem-disposta. Explicou isto à cachorrinha **com** abundância de gritos e gestos. (VI, 23)

116- Para ela [Baleia] os pontapés eram fatos desagradáveis e necessários. Só tinha um meio de evitá-los, a fuga. Mas às vezes apanhavam-na de surpresa, uma extremidade de alpercata batia-lhe no traseiro – saía latindo, ia esconder-se no mato, **com** desejo de morder canelas. (VI, 24)

117- Ao escurecer a serra misturava-se **com** o céu e as estrelas andavam em cima dela. (VI, 27)

118- [O menino mais velho] Entristeceu. Talvez sinha Vitória dissesse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas **com** bainha de faca. (VI, 30)

119- Abraçou a cachorrinha **com** uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se. (VI, 33)

120- O cheiro dele era bom, mas estava misturado **com** emanações que vinham da cozinha. (VI, 34)

121- Havia ali um osso. Um osso graúdo, cheio de tutano e **com** alguma carne. (VI, 34)

122- A cachorra Baleia, **com** o traseiro no chão e o resto do corpo levantando, olhava as brasas que se cobriam de cinza. (VII, 1)

123- Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições **com** a ponta da alpercata. As brasas estalaram, a cinza caiu, um círculo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedras. (VII, 3)

124 - Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, **com** repetições e incongruências. (VII, 3)

125- [O menino mais velho] Levantou-se, foi a um canto da cozinha, trouxe de lá uma braçada de lenha, Sinha Vitória aprovou este ato **com** um rugido. (VII, 4)

126- [Sinhá Vitória] Remexeu as brasas **com** o cabo da quenga de coco. (VII, 8)

127- (...) sinhá Vitória se escondera na camarinha **com** os filhos. (VII, 8)

128- A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava **com** vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio. (VII, 11)

129- [Sinha Vitória] Suspirava atiçando o fogo **com** o cabo da quenga de coco. (VII, 12)

130- As varas estavam bem amarradas **com** cipós nos esteios de aroeira. (VII, 17)

131- Sinha Vitória moveu o abano **com** força para não ouvir o barulho do rio, que se aproximava. (VII, 19)

132 - Seria que ele [o rio] estava **com** intenção de progredir? O abano zumbia, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos juazeiros. (VII, 19)

133- Fabiano contava façanhas. Começara moderadamente, mas excitara-se pouco a pouco e agora via os acontecimentos **com** exagero e otimismo. (VII, 20)

134- As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as; os chocalhos batiam. Iriam engordar **com** o pasto novo, dar crias. (VII, 23)

135- Fabiano zangou-se **com** a impertinência deles e quis puni-los. (VII, 24)

136- Sentando no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, **com** aquele jeito de bicho lerdo que não se aguenta em dois pés. (VII, 25)

137- Teria sido melhor a repetição das palavras. Altercaria **com** o irmão procurando interpretá-las. (VII, 26)

138- [O menino mais velho] Tentou contar as vozes, atrapalhou-se. Eram muitas, **com** certeza havia uma infinidade de sapos nas moitas e nos capões. Que estariam fazendo? (VII, 26)

139- Por que gritavam à cantoria gorgolejada e triste? Nunca vira um deles, confundia-os **com** habitantes invisíveis da serra e dos bancos de macambira. (VII, 26)

140- Sinha Vitória devia retirar os carvões e a cinza, varrer o chão, deitar-se na cama de varas **com** Fabiano. (VII, 28)

141- Varrido o chão **com** vassourinha, [sinha Vitória] escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das cabras molhadas. (VII, 28)

142- Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por Sinha Terta, **com** chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço. (VIII, 2)

143- Mas **com** a gravata e o colarinho machucados no bolso, o paletó no ombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela [a Baleia] e acolheu-a. (VIII, 4)

144- [Fabiano] Tinha vencido a obstinação de uma daquelas amaldiçoadas botinas; a outra emperrava e ele, **com** os dedos nas alças, fazia esforços inúteis. (VIII, 6)

145 - **Com** raiva excessiva, a que se misturava alguma esperança, [Fabiano] deu uma patada violenta no chão. (VIII, 6)

146- Sinha Vitória caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, **com** o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. (VIII, 8)

147- Impossível dizer por que Sinha Vitória levava o guarda-chuva **com** biqueira para cima e o castão para baixo. (VIII, 8)

148- Como podia haver tantas casas e tanta gente? **Com** certeza os homens iriam brigar. (VIII, 10)

149- [Fabiano] Soprava e esforçava-se inutilmente por abanar-se **com** o chapéu. (VIII, 13)

150- Provavelmente os meninos estavam **com** ela [sinha Vitória]. (VIII, 13)

151- [Fabiano] Não poderia assistir à novena calçado **com** alpercatas, [com] a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. (VIII, 13)

152- [Fabiano] Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse **com** ela. (VIII, 13)

153- Só lhe falavam **com** o fim de tirar-lhe qualquer coisa. (VIII, 14)

154- O patrão realizava **com** pena e tinta cálculos incompreensíveis. (VIII, 14)

155- Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, **com** os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. (VIII, 14)

156- (...) e os que não tinham negócio **com** ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. (VIII, 14)

157- Ele [Fabiano] se desviara, **com** bons modos. (VIII, 17)

158- [Fabiano] Coçou-se, puxou o lenço, desatou-o, contou o dinheiro, **com** a tentação de arriscá-lo no bozó. (VIII, 18)

159- [Fabiano] Foi beber cachaça numa tolda, voltou, pôs-se a rondar indeciso, pedindo **com** os olhos a opinião da mulher. (VIII, 18)

160- Fabiano retirou-se, lembrando-se do jogo que tivera em casa de Seu Inácio, **com** o soldado amarelo. (VIII, 18)

161- [Fabiano] Fora roubado, **com** certeza fora roubado. (VIII, 18)

162- Se topasse o soldado amarelo, esbodegava-se **com** ele. (VIII, 20)

163- Lançava o desafio numa fala atrapalhada, **com** o vago receio de ser ouvido. (VIII, 24)

164 - Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, **com** medo dele. (VIII, 24)

165- [Fabiano] Parou agoniado, suando frio, [com] a boca cheia de água, sem atinar **com** a palavra. Cambada de quê? Tinha o nome debaixo da língua. (VIII, 26)

166- [Fabiano] Se não estivesse tão ansiado, arrotando, suando, brigaria **com** eles. (VIII, 26)

167- [Fabiano] Queria que o deixassem **com** a mulher, os filhos e a cachorrinha. (VIII, 26)

168– [Fabiano] Procurou **com** as mãos a mulher e os filhos, certificou-se de que eles estavam acomodados. (VIII, 27)

169- [Fabiano] Pôs-se a cuspir. Serenou, respirou **com** força, passou os dedos por um fio de baba que lhe pendia do beiço. (VIII, 28)

170- [Fabiano] Estava era tonto, **com** uma zoada infeliz nos ouvidos. Achava ao mesmo tempo que havia cometido uma falta. (VIII, 28)

171- [Fabiano] Agora estava pesado e **com** sono. (VIII, 28)

172- [Fabiano] puxou para os olhos o chapéu de baeta. E adormeceu, **com** o estômago embrulhado. (VIII, 28)

173- [Sinha Vitória] Apertou-se e observou os quatro cantos **com** desespero, que a precisão era grande. Escapuliu-se disfarçadamente. (VIII, 29)

174- [Sinha Vitória] Livre da necessidade, viu **com** interesse o formigueiro que circulava na praça, a mesa do leilão, as listas luminosas dos foguetes. (VIII, 29)

175 - [Sinha Vitória] Pensou **com** um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. (VIII, 29)

176- Os meninos trocavam impressões cochichando, aflitos **com** o desaparecimento da cachorra. (VIII, 30)

177- Sinha Vitória levantou o braço num gesto mole e indicou vagamente dois pontos cardeais **com** o canudo do cachimbo. (VIII, 30)

178- Os pequenos insistiram. Onde estaria a cachorrinha ? Indiferentes à igreja, às lanternas de papel, aos bazares, às mesas de jogo e aos foguetes, só se importavam **com** as pernas dos transeuntes. (VIII, 30)

179- De repente Baleia apareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos, manifestando **com** a língua e com o rabo um vivo contentamento. (VIII, 31)

180- De repente Baleia apareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos, manifestando com a língua e **com** o rabo um vivo contentamento. (VIII, 31)

181- O menino mais novo interrogou-o **com** os olhos. (VIII, 32)

182- Sim, **com** certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. (VIII, 32)

183- Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que o tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés **com** enormes reiunas e ameaçavam-no com facões terríveis. (VIII, 35)

184- Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que o tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés com enormes reiunas e ameaçavam-no **com** facões terríveis. (VIII, 35)

185- Fabiano imaginara que ela estivesse **com** um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. (IX, 2)

186- Então Fabiano resolveu matá-la . Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a **com** saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito. (IX, 3)

187- _ Vão bulir **com** a Baleia? (IX, 5)

188- Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugá-los, resmungando **com** energia. (IX, 8)

189- Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas **com** os dedos. (IX, 15)

190- A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido **com** esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral. (IX, 18)

191- [Baleia] andou como gente, em dois pés, arrastando **com** dificuldade a parte posterior do corpo. (IX, 21)

192- Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, **com** vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade. (IX, 27)

193- Esqueceu-se e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, **com** um objeto esquisito na mão. (IX, 29)

194- [Baleia] Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, **com** certeza o sol desaparecera. (IX, 31)

195- Sinha Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria **com** um molho de vassourinha o chão queimado. (IX, 37)

196- As crianças se espojariam **com** ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (IX, 40)

197- As crianças se espojariam com ela, rolariam **com** ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (IX, 40)

198- [Fabiano] Transigindo **com** outro , não seria roubado tão descaradamente. (X, 2)

199- **Com** certeza havia um erro no papel do branco. (X, 6)

200- [Fabiano] Ia lá puxar questão **com** gente rica? (X, 8)

201- o branco se levantara furioso, **com** quatro pedras na mão. (X, 12)

202- Mas o cobrador da prefeitura chegara **com** o recibo e atrapalhara-o. ((X, 14)

203 - Deus o livrasse de história **com** o governo. (X, 14)

204- O melhor é a gente acabar **com** isso. (X, 17)

205- Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia **com** a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. (X, 19)

206- (...) a campina se estendia, seca e dura. Lembrou-se da marcha penosa que fizera através dela, **com** a família, todos esmolambados e famintos. (X, 20)

207- Nascera **com** esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (X, 23)

208- Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido **com** um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (X, 23)

209- [Fabiano] Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas **com** rezas, consertar cercas de inverno a verão. (X, 23)

210- Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem **com** semelhantes porcarias. (X, 23)

211- Da última vez que fizera contas **com** o amo o prejuízo parecia menor. (X, 24)

212- Que iam ganhar **com** semelhante procedimento? (X, 24)

213- Amarrotou-o **com** força, empurrou-o no bolso raso da calça, meteu na casa estreita o botão de osso. (X, 27)

214- Levantou-se, foi até a porta de uma bodega, **com** vontade de beber cachaça. (X, 28)

215- Um perigo entrar na bodega. Estava **com** desejo de beber um quarteirão de cachaça. (X, 29)

216- Na cama de varas, havia um pau **com** um nó, bem no meio. (X, 30)

217- Tirou do bolso o rolo de fumo, preparou um cigarro **com** a faca de ponta. (X, 31)

218- Espiava o chão como de costume, decifrando rastos. Conheceu os da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos. A égua ruça, **com** certeza. (XI, 2)

219- Deteve-se percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara **com** o soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia. (XI, 5)

220- (...) Aquilo durou um segundo. Menos: durou uma fração de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, **com** o quengo rachado. (XI, 5)

221- A certeza do perigo surgira – e ele estava indeciso, de olho arregalado, respirando **com** dificuldade. (XI, 6)

222- Fabiano pregou nele os olhos ensanguentados, meteu o facão na bainha. Podia matá-lo **com** as unhas. (XI, 9)

223- Estava certo? Bulir **com** as pessoas que não fazem mal a ninguém. (XI, 9)

224- O amarelo devia saber isso. Não sabia. Saíra-se **com** quatro pedras na mão, apitara. (XI, 14)

225- [Fabiano]Recordou-se de lutas antigas, em danças **com** fêmea e cachaça. (XI, 18)

226 - [Fabiano] Iria esfriando **com** a idade? (XI, 18)

227- O suor umedeceu-lhe as mãos duras. Então? Suando **com** medo de uma peste que se escondia tremendo? (XI, 19)

228- [Fabiano] Dormiria **com** a mulher, sossegado, na cama de varas. (XI, 23)

229- [Fabiano] bateu **com** o fuzil na pedra. (XII, 2)

230- Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado **com** a esperteza de sinha Vitória. (XII, 6)

231- Virou o rosto defronte das pedras do fim do pátio, onde Baleia aparecera fria, inteiriçada, **com** os olhos comidos pelos urubus. (XII, 7)

232- Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda **com** chumbo miúdo. (XII, 10)

233- Fabiano (...) imaginou que ela não se realizaria se ele não a provocasse **com** ideias ruins. (XII, 11)

234- Como andariam as contas **com** o patrão? (XII, 11)

235- Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, **com** desespero. (XII, 12)

236- [Fabiano] Devia ter furado o pescoço do amarelo **com** faca de ponta, devagar. (XII, 12)

237- [Fabiano] Como gesticulava **com** furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e sentiu sede. (XII, 14)

238- [Fabiano] olhava **com** desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. (XII, 16)

239- [Fabiano] Mexeu-se **com** violência, carregou a espingarda furiosamente. (XII, 18)

240- Fabiano concordava **com** ela, embora aquilo fosse um sonho. (XII, 20)

241- Aqui as ideias de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se **com** as arribações, que não se distinguiam da seca. (XII, 23)

242- Mas o coração grosso, como um cururu, enchia-se **com** a lembrança da cadela. (XII, 23)

243- [Fabiano] Chegou-se a casa, **com** medo. (XII, 25)

244- [Fabiano]...viu que tudo estava perdido, combinou a viagem **com** a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. (XIII, 2)

245- [Fabiano]...viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se **com** a família, sem se despedir do amo. (XIII, 2)

246- Sinha Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente **com** a taramela. (XIII, 3)

247- **Com** a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio. (XIII, 4)

248- Fabiano (...) Procurou distinguir qualquer coisa diferente da vermelhidão que todos os dias espiava, **com** o coração aos baques. (XIII, 6)

249- Fabiano (...) ordenou a marcha **com** uma interjeição áspera. (XIII, 11)

250- Sinha Vitória procurou **com** a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os peitos, mas, com o movimento que fez, o baú da folha pintada ia caindo. (XIII, 13)

251- Sinha Vitória procurou com a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os peitos, mas, **com** o movimento que fez, o baú da folha pintada ia caindo. (XIII, 13)

252- Sinha Vitória (...) Reanimou-se, tentou libertar-se dos pensamentos tristes e conversar **com** o marido por monossílabos. (XIII, 13)

253 - Sinha Vitória (...) Falou no passado, confundiu-o **com** o futuro. (XIII, 13)

254- O vaqueiro ensombrava-se **com** a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. (XIII, 14)

255- Fabiano repetiu **com** entusiasmo o elogio. (XIII, 16)

256 - **Com** certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. (XIII, 16)

257- Sinha Vitória, **com** uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. (XIII, 20)

258- (...) haviam caminhado léguas quase sem sentir. De repente veio a fraqueza. Devia ser fome. Fabiano (...) Estava realmente **com** um buraco no estômago. (XIII, 21)

259- Um friozinho agudo arrepiou-o (...) Como podia ter frio **com** semelhante calor? (XIII, 22)

260 - O menino mais velho esbrugava um osso **com** apetite. (XIII, 22)

261- (...) um animal tão bom. Se tivesse vindo **com** eles, transportaria a bagagem. (XIII, 24)

262- Ia morrer o amigo, lazarento e **com** esparavões, num canto de cerca. (XIII, 24)

263- A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam **com** os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. (XIII, 24)

264- Assim ele ficaria **com** a carga aliviada e o pequeno teria um guarda-sol. (XIII, 31)

265- Chegariam lá antes da noite, beberiam, descansariam, continuariam a viagem **com** o luar. (XIII, 31)

266- Tenho comido toicinho **com** mais cabelo, declarou Fabiano desafiando o céu, os espinhos e os urubus. (XIII, 32)